

ANO XXXV

NUMERO 26

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,

28 de Junho

de 1941



## INDECISÃO...

RECORDO, com saudade, todas as horas rutilantes do nosso amor. Todas as horas em que a senti mais perto de mim do que minha própria desventura. E quando meu espírito faz essa evocação, esqueço os instantes de amargura que tenho vivido na promessa inútil da esperança...

Considero-me feliz desde que a conheci. Você trouxe, para a minha vida, um sentido novo de consolação e de ternura. Na solidão do meu destino eu aguardava, insatisfeito, a sua fascinação. Sonhava com os seus olhos, em que encontro tanta melancolia e tanta doçura. Sonhava com sua alegria matinal, que apenas disfarça a inquietação da sua angústia de mulher. Sonhava com sua inteligência, bem harmoniosa e bem feminina. Sonhava com seu orgulho aristocrático, com sua vaidade sedutora, com seu sorriso simples e franco. Sonhava, mesmo, com o delicioso estouvamento que você tem...

Não a compreendo sem os seus pequeninos defeitos, que também são meus. Amo-a pela sua timidez, que só eu conheço, pelas afinidades que descobri no seu coração e na sua alma, pela vibração do seu mundo interior, pela ternura humana dos seus gestos, pela sua sinceridade, pelo seu temperamento expansivo. Amo-a porque você é adoravelmente intranquila e adoravelmente mulher...

Tudo, em você, me seduz. Estou, irremediavelmente, preso ao seu destino.

Longe de você, nas noites longas em que a recordo com enlévo, ou nos dias vazios em que inutilmente a espero, fico, desoladamente, pensando na felicidade impossível que nós dois ambicionamos para unir os nossos desgostos, as nossas decepções, o nosso sofrimento e a nossa desventura.

Sinto-me, porém, tão perto de você, meu doce amor, que, às vezes, tenho a impressão de que estamos sempre juntos, olhando os outros com a indiferença de quem é feliz...

Você está na minha sensibilidade e na minha ilusão. Você está na minha esperança e nos meus atos. Está em todas as vibrações da minha vida. Vejo-a quando desperto, quando olho a natureza, quando viajo, quando estudo, quando escrevo, quando durmo, quando sonho... Vejo-a em toda parte e a toda hora. Porque você é o motivo irresistível da minha alegria interior. Porque você é o começo e o fim do meu pensamento...

Confio no seu amor, que você tantas vezes já me confessou corajosamente, para que eu não desanimasse diante do seu cepticismo. Mas tenho medo da sua desconfiança, alimentada pelo entusiasmo das mulheres que me festejam. Das mulheres que não me interessam, porque não têm as suas qualidades e os seus defeitos...

Criei no meu coração e na minha sinceridade. E não me desiluda com a sua indecisão...

MAURO DE ALENCAR



## DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas **Pílulas CARTERS** para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as **Pílulas CARTERS** para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

## Guia-da Belleza

Este livro ensina a fazer, na própria casa, os tratamentos de beleza e a utilizar e aproveitar ao máximo os processos feitos pelo médico especialista

**DR. PIRES**

na sua Clínica de Belleza da RUA MEXICO, 98-3, 2º and. Rio de Janeiro

Preço: 85 pelo correio ou nas livrarias.

## Busto

Augmenta, fortifica e dinamiza o busto com os produtos à base de HORMONOS.

### Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortalecer o busto. Para diminuir os n. 2. Resultados rápidos. Gratia: Peça informes à Caixa Postal 3.671-Rio

Nome \_\_\_\_\_ Rua \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

## Arte de Ser Bela

(AS SOBRANCELHAS)

AS mulheres, em geral, não dão às sobrancelhas a importância que elas têm, principalmente sobre a expressão do rosto. Prestam muita atenção ao rouge, ao pó de arroz, ao baton, ao desenho sinuoso dos lábios, ao penteado, às pestanas, às massagens, mas não se lembram dos supercílios a não ser quando desejam dar um ar exótico à fisionomia.



Os bons maquiadores não pensam do mesmo modo. Eles tiram das sobrancelhas um excelente partido, realçando certas linhas do rosto, ou dissimulando imperfeições. Se os olhos possuem um valor expressivo inegável, as sobrancelhas, por sua vez, servem para aumentar ainda mais esse valor. As sobrancelhas modificam um rosto,

segundo o seu traçado. Não há muito, as moças costumavam depilá-las quase por completo, substituindo-as por uma linha negra ou marrom, com o fito de tornarem-se parecidas com esta ou aquela "estrela" de cinema... Este capricho passou, felizmente, e as sobrancelhas voltaram a desempenhar, para essas pessoas, um papel sem importância...

\*\*\*

Acontece, às vezes, que a pessoa, ao depilar a sobrancelha, o faz um pouco exageradamente, em prejuízo para o rosto.

Quando exageramos o arqueado, quando as convertemos em ângulos muito agudos ou quando as prolongamos demasiadamente, com o intuito de rasgar os olhos, para dar ao rosto certo ar oriental remotíssimo, caímos, então, nos extremos, no artifício anti-estético.



finas, quase capilares, como é de gosto de muita gente...

Um processo excelente, para se conseguir um traçado harmonioso, consiste em passar um risco pelo centro da sobrancelha, por meio de um lápis macio, ensaiando-se, depois, sobre essa base, até encontrar a linha ideal, que mais favoreça o rosto.

Chegará, então, o momento de recorrer às pinças, passando, previamente, pelas sobrancelhas, um pouquinho de vaselina afim de tornar menos dolorosa a operação. Não se deve, nunca, usar gilete ou navalha, para depilar a sobrancelha, pois ela despontará, logo depois, muito mais grossa, á semelhança do que acontece com a barba, no homem.

Depois da depilação, é de toda conveniência passar pela região um pouco de lanolina, vaselina boricada ou qualquer creme refrescante.



*É uma festa para  
os Olhos!*

**- um rosto livre de defeitos  
e uma beleza sem disfarces**

**N**ÃO inveje o fascínio que suas amigas exercem sobre os homens... A mulher bella é sempre uma festa para os olhos de seus admiradores... A Sra. também pode ser admirada. Para isso não use artifícios provisórios para occultar e disfarçar as imperfeições do seu rosto, mas corrija-as para sempre com Leite de Colonia. Com o uso continuo do Leite de Colonia — pela manhã e á noite — a Sra. removerá os defeitos da pelle, espinhas, sardas, manchas, dando ás suas faces um frescôr de mocidade... Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a sua pelle e é excellente como base do pó de arroz.

***Leite de Colonia,***

**STAFIX** mantem o cabelo penteado sempre em perfeita harmonia com a toilette



## A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje, em dia, só é feia quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfacc: ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfacc permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia voltam a imperar com o uso do Creme de Alfacc «Brilhantes».

Experimente-o.

## UM MEIO NOVO E MAIS FÁCIL de embelezar os olhos

Lavolho todos conhecem. Refresca, alivia, embeleza os olhos. E agora, com sua nova embalagem e um novo contêgote de desenho científico, pode ser aplicado mais facilmente e sem desperdício.



**LAVOLHO**  
HIGIENIZA OS OLHOS

**Inglês**

**Prof. Frank Tyler**

AULAS PARTICULARES E EM  
PEQUENAS TURMAS

RUA DO CARMO, 71, 1.º andar, sala I

Esquina da rua Ouvidor

## Conselhos às mães

*Dr. Rinaldo de Lameare*

(Doc. de Clin. Infantil da Fac. de Medicina e do Ins. de Puericultura da Universidade do Brasil).

### A LINGUA DA CRIANÇA

Já representou a língua na medicina clínica papel de extrema importância. E todos nos recordamos de que, outrora, quando era solicitada a presença do médico, chegava este, circunspecto e calado, sentava-se ao lado da cama, tomando em uma das mãos o pulso e na outra o relógio e, olhando, com a cabeça inclinada por cima do "pince-nez", exclamava: "Mostre a língua". Com esse simples cerimonial estava feito o exame médico.

Não há dúvida que a língua pode fornecer-nos úteis indícios, e o médico moderno, apesar dos grandes recursos de que dispõe, não deve, certamente, deixar de examiná-la.

As mães igualmente com ela também se preocupam, e já foi por muito tempo generalizada a noção de "língua presa". O bebê, uma vez feito o diagnóstico de "língua presa", deveria sofrer, imediatamente, um pequeno ato cirúrgico consistente no corte

do freio da língua. Noção essa por demais admitida e para qual também concorreram os médicos de então. Hoje em dia esta prática está bem limitada; somente em casos excepcionais há necessidade desse corte, pois na grande maioria das vezes é apenas impressão de estar presa a língua; com o tempo ela se soltará naturalmente, e não impedirá o ato de mamar e muito menos o de falar na época devida mesmo porque tão singela intervenção não é de todo desprovida de perigo, porquanto passa pelo freio lingual uma pequena arteria que facilmente pode ser atingida e seccionada e sangra com certa abundancia, o que nem sempre é possível evitar sinão após grande dificuldade.

Ao lado da "língua presa", a "língua suja" disputa a importancia clínica. Podemos dum modo geral dividi-la em duas categorias: a primeira apresenta-se nas doenças febris agudas, e cessa com a cura do estado infeccioso; a segunda, que se mostra permanentemente, somente com pequenos intervalos de melhora, apresenta-se em crianças perfeitamente sãs.

Os leigos costumam atribuí-la a doenças do estômago causadas por excesso de acidez. O que na verdade parece haver é uma certa predisposição constitucional caracterizada pela proliferação exagerada das células da camada (epitêlio) que recobre a língua.

Talvez seja por isso que, na China, a limpeza da mesma faz parte da "toilette" diária, ao lado da higiene dos dentes e dos cabelos; a língua deverá ser escovada até se apresentar vermelha e úmida, sendo isso para os chineses um dos grandes atractivos humanos.



# Parece que estive em Férias



**Nunca pensei  
que pudesse  
recuperar  
minhas forças  
tão depressa!**

## O EMINENTE PROF. ROCHA VAZ

da Fac. Med. do Rio, diz: — "Ha longos annos aconselho o Vinho Reconstituente Silva Araujo a meus clientes, em que é positiva sua acção reconstituente."



## FAZ BEM A TODOS!



A Sta. Nelly Maia, conta: — "Fracca, nervosissima, tudo me contrariava. Comecei a tomar o Vinho Reconstituente Silva Araujo. Foi a minha salvação."

Diz o "speaker" Sr. Affonso Scola: — "Eu me sentia sem disposição para o trabalho. O que me valeu foi o Vinho Reconstituente Silva Araujo."



Para trabalhar bem — está provado — não basta a simples vontade de trabalhar... E' necessario tambem saúde e disposição... Tome o seu caso, por exemplo... Si o cansaço o domina durante as horas de serviço, si sente a memoria enfraquecida, fastio e falta de paladar, si dorme mal, anda irritado — pense no perigo da desnutrição do sangue. Com esses symptomas, o Sr. deve estar anemico, ter o sangue

pobre, desnutrido. Procure, sem perda de tempo restabelecer o equilibrio de sua saúde. Comece a tomar o Vinho Reconstituente Silva Araujo nas refeições. O Vinho Reconstituente Silva Araujo é um poderoso estimulante do appetite e creador de energias, pois contém extracto de carne, quina, phosphoro, calcio — todos os elementos necessarios á perfeita nutrição do sangue. O uso do Vinho Reconstituente Silva Araujo é tambem economico; uma dose sahe por 300 rs. apenas.

**Vinho Reconstituente  
SILVA ARAUJO**



**RECUSE IMITAÇÕES, EXIGINDO O FRASCO COM ROTULO OVAL**

# A DERROTA do ORGULHO

## Conto de Martins Capistrano

QUANDO Paulo entrou no salão deslumbrante de luzes, que a noite fria de maio tornava delicioso, os olhos negros de Yolanda o envolveram, avidamente, na ternura infinita de seu encantamento. Ela já o esperava, ali, para festejá-lo com a sua simpatia num ambiente diverso daquele em que, habitualmente, o via.

Paulo chegou sózinho e foi, galantemente, cumprimentar a jovem esposa de seu colega de hospital dr. Roberto Leite, que tanto interesse lhe despertara desde uma tarde macia em que pudera sentir melhor a sua fascinação.

O salão do casino da Urea refulgia, magnificente, nas galas da grande hora mundana. Movimentava-se o mundo social de seus frequentadores ao contacto da vaidade e do perfume que se diluam, voluptuosamente, em torno das mesas onde se conversava e se bebia enquanto se aguardava o sensacional aparecimento dos patinadores do gelo.

Yolanda foi, pelo braço do marido, até a mesa reservada para sete pessoas que, no fundo do *grill-room*, longe da pista multicolorida das dansas, sorria, esplendidamente, com a nota festiva de seus cravos vermelhos. Só depois de meia hora chegaram os outros convidados, dois casais amigos de Paulo e do dr. Roberto Leite.

Começou o jantar e a orquestra encheu de ritmos o salão esplendente. Um *fox* trepidante... Uma valsa antiga... Um tanto melancólico...

\*\*\*

— Agora, Yolanda, eu posso dizer que você está nos meus braços... Tanto tempo desejei este momento...

— E eu também...

— Então, por que ainda insiste em surpreender-me com suas atitudes desconcertantes? Se você me ama, como parece, e às vezes o demonstra tão comovidamente, por que, outras vezes, se mostra esquivo, indiferente, distante?...

— É o conflito interior da minha esperança...

A música da valsa, que eles dansavam, sugeria êxtases sentimentais que dulcificavam o coração dos dois, evocando saudades de enlevos recentes, cuja emoção estava, ainda, na sensibilidade de Yolanda.

— Não a compreendo, querida, quando você é a mulher descrente, enigmática, indefinida e quasi agressiva de ontem à tarde, por exemplo, na estrada da Tijuca... — sussurrou, magoado, Paulo.

— Nesses momentos, nem eu própria me compreendo... Não sei o que sinto... Não sei o que desejo... Não sei o que espero... Tenho vontade de fugir de você e, ao mesmo tempo, de ficar, eternamente, a seu lado. Vendo-o apaixonado, eu me revolto... Vendo-o indiferente, entristeço... Não sei que complexo atua na minha sensibilidade... Amo-o, porque tenho saudade da sua figura, da sua voz, do seu sorriso... Amo-o, porque penso em você na quietude do meu lar, perto de meu filhinho, que não consegue fazer-me esquecer-lo, Paulo...

— Por que, então, me amargura com aquele desinteresse, que é quasi desdém, das suas horas de indecisão e de dúvida?

— Para desiludi-lo e libertar-me deste amor que não devia existir...

— Deste amor que nós amamos, a-pesar-de tudo, e que nasceu da nossa infelicidade, do nosso próprio destino sentimental...

— Sim. Mas eu tenho medo das situações ilegais, que a sociedade condena. Tenho medo de prender-me, irremediavelmente, a você...

— A sociedade não pode reparar os erros da fatalidade e, entretanto, lamenta a desventura, sem dar-lhe um remédio. Tudo é convencional... como o seu amor, pelo que vejo...

— Não me faça essa injustiça, Paulo! Meu amor é verdadeiro. Mas ainda não se libertou das angústias da minha inquietação interior. Escute: ontem, na estrada, eu não era sincera. Representava, dolorosamente, uma comédia, que me torturava. Meu desejo era confessar-lhe a verdade e dizer-lhe que estava mentindo. Porque, Paulo, vaidosa como sou, até das suas atitudes românticas eu gosto: sinto-me lisonjeada, festejada, engrandecida... Confio no seu amor e crio êsses instantes de indiferença... Não faço isso para desiludi-lo, quero confessar, agora. Sofreria muito, se você me faltasse... Se você não me quisesse mais...

— Então mentiu, há pouco! Você é uma criatura estranha, difícil, paradoxal...

— Mentí, apenas, para satisfazer a minha vaidade feminina. Mas receio que você deixe de lisonjear-me com suas palavras de namorado. Receio que se arrependa de ter perdido o tempo comigo. Receio, sobretudo, meu doce amor, que você, depois de conquistar-me totalmente, me abandone, por desencanto ou por cansaço... E eu sofreria imensamente, se isso ocorresse. Teria a desilusão definitiva da minha vida. Maior do que a minha primeira desilusão. Aquela que me levou, tristemente, para os braços do homem a quem dei meu corpo e minha vida, sem amá-lo: o pai de meu filho. Meu coração de mulher não pertence a ninguém, ou antes, pertence um pouco a você, Paulo. Minha alma, porém, com suas insatisfações, suas dúvidas, seus anseios incompreendidos, suas aflições, suas amarguras, está, sempre, onde você se encontra, porque o acompanha, angustiosamente, desditosamente, nas suas vitórias e nas suas tristezas, nos seus pensamentos e nos seus atos. Creio ter dito tudo, agora, Paulo...

— E se eu desistisse antes de conquistar-lhe, integralmente, o coração, como desejo?... Antes de possuir a mulher?... Você bem sabe que a alma, espiritual e imponderável, não chega para a ambição sentimental do homem... Sem o corpo, a alma é quasi inútil à nossa sensibilidade amorosa...

— Se você desistisse, eu sofreria, mas ficaria curada da minha aspiração absurda, do meu absurdo desejo de ser feliz... Sofreria pela derrota do meu orgulho. Simplesmente. Vê que não sou a mulher em quem se deva confiar... Não sei o que quero. Não sei o que me satisfaz...

A valsa languida terminou, bisada pela orquestra que, no fundo do palco, agitava seus instrumentos reluzentes.

Paulo e Yolanda voltaram para a mesa, no centro da qual sorria, violentamente, a púrpura dos cravos silenciosos... Cearam. Beberam champagne. Tomaram um *ice-cream* rutilante. E assistiram, com os

mesmos pensamentos e as mesmas emoções, aos movimentos semi-alados dos patinadores da pista gelada, que haviam atraído ao *grill* da Urca, na grande noite do *ice-show*, toda aquela gente cujos olhos só não viam a alma e o coração dos dois amorosos...

Paulo dansou, depois, com as duas senhoras da mesa e outras damas de suas relações, que encontrou no casino. Yolanda seguia-o, com os olhos intranquilos, da mesa florida. Tinha inveja e ciúme daquelas mulheres que o enlaçavam. Não compreendia a existência desses sentimentos, quando procurava afastar o domínio de Paulo sobre o seu coração inquieto. Veementemente, desejava, naquele momento, que ele voltasse para junto dela e a convidasse para dançar. Estava nervosa de paixão. Mordia os lábios. Fechava os olhos. E sonhava com os lábios de Paulo ardentemente unidos aos seus lábios, na sensação e na volúpia do amor...

As outras mulheres, que o disputavam, orgulhosas de seu par elegante, vistoso, prestigiado, causavam-lhe um mal-estar indomável, que a irritava profundamente. Seu ódio crescia. Aumentava o seu ciúme. E Yolanda tinha ímpetos de levantar-se, precipitadamente, e ir buscar Paulo na pista, arrebatando-o dos braços da dama que o possuía... Estava, positivamente, atordoada, aflita, delirante... Desconhecia em si mesma aqueles impulsos desatinados. Sempre fora calma, tranqüila, moderada nos seus sentimentos. E ali se sentia exaltada. Com vontade de chorar. De gritar a sua paixão. De correr, alucinada, para os braços de Paulo.

Cessou um *fox* impetuoso, e começou um tango nostálgico, emocionante, angustiado... Paulo veio tirar Yolanda, que sorriu, e o acompanhou...

E enquanto os dois dansavam, harmoniosamente, no salão sun-tuoso e alegre, a moça, vencida, afinal, pelo amor, confessou:

— Fiz uma experiência, Paulo. Amo-o. Perdidamente. Irremediavelmente. E não posso mais viver sem você. Mas queria que fosse meu somente...

Morria o tango nos instrumentos da orquestra. A voz de Yolanda, emocionada, melancólica, sentimental, segredou:

— Queria que fosse meu de alma, de coração e de espírito. Sem pensar nas outras mulheres. Sem festejá-las perto de mim. Sem desejá-las. Só assim eu poderia ser sua. E só assim poderia ser feliz...



**QUE RHEUMATISMO!  
QUE DÔR BRUTAL!**

**CAFIASPIRINA  
CURA-TE O MAL!**



• Tão rápido, seguro e completo é o alívio que proporciona a Cafiaspirina, que este providencial remédio devia estar sempre connosco, em qualquer ocasião, para combater as dores reumáticas, nevralgias e dores de cabeça. Cafiaspirina não só alivia, como reanima, restabelecendo o bem estar normal.

• Seja precavido: tenha sempre consigo Cafiaspirina.



# CAFIASPIRINA

**O REMÉDIO DE CONFIANÇA  
contra DORES E RESFRIADOS**

## A mulher do «cabaret»

NO elegante «cabaret» todo ouro e azul, os pares deslissavam no soalho polido, ao som de um tango lamentoso... Sergio de Andrade cumprimentou um conhecido, e depois o seu olhar caiu numa jovem alta e magra, demasiadamente pintada, que estava sentada perto de uma mesa ornada de lilases.

— E' ela — pensou consigo.

Atravessou o salão e aproximou-se da moça.

— Quer dansar, ou prefere conversar? — indagou ele, sorrindo.

— Talvez seja melhor conversar — respondeu ela, em tom de gracejo.

Ele sentou-se. Chamou o «garçon» e pediu dois «whiskey».

Sergio olhou para a jovem. Estava vestida de branco, com uma rosa vermelha presa na abertura do decote.

Ela parecia doente. Sombras violetas cercavam-lhe os olhos castanhos.

Ele tomou as mãoszinhas da moça e perguntou:

— Você se lembra de mim?

Ela estremeceu. Suas faces tornaram-se mais vermelhas que o rouge que as cobria.

— Sergio! exclamou, num grito abafado.

— Pobre Odete! — disse ele, com uma voz que a emoção estrangulava. — Como você está mudada! Tão diferente daquela moça bonita, com quem me casei numa distante manhã de maio!... Quando a conheci, era uma mocinha cheia de saúde e alegria. Cantava o dia inteiro. Não ambicionava lindos vestidos, nem valiosas joias, nem ricas peles. Desconhecia a vida agitada das grandes metrópoles. Não fumava, não tomava «whiskey», nem frequentava os «dancings»!

— Por favor, não prossiga! — pediu ela.

Uma sombra passou pelo rosto de Sergio.

— Lembro-me do dia em que a conheci — continuou ele, com voz triste. — Foi numa manhã de verão, na igreja de R... Estava vestida de azul claro. Seus cabelos formavam um halo em redor da cabeça. Você cantava, e os fiéis a ouviam em profundo silêncio. Parecia um dos anjos que estavam pintados nos vitrais da igreja... Algum tempo depois, declarei-lhe o grande amor que lhe dedicava, lembra-se? Encontrávamo-nos todas as tardes. Sentados perto do lago azul, dizia-lhe tantas lindas palavras de amor, que tão depressa seus ouvidos se cansaram de ouvir... Casámo-nos numa doce manhã de maio. Você estava encantadora no seu alvo vestido de noiva, com as flores de laranjeira presas nos seus cabelos loiros...

Um ano depois, uma linda filha veio encher nosso lar de alegria. Não havia ventura igual à nossa! Mas... um dia, chegou da cidade o jovem Mauro Costa. Ele era um belo rapaz. Começou a dizer-lhe que na cidade havia coisas maravilhosas. Imensos prédios, lindas avenidas, automóveis de vários modelos... Lojas cheias de coisas maravilhosas, e uma noite fugiu com Mauro... Quanto sofreu!... Nunca poderá saber quanto me feriu sua traição! Por que fez isto?

Ela não respondeu. Estava emocionada ao reviver esse passado longínquo. Um brilho de febre acendia-lhe os grandes olhos castanhos.

— E a menina, como vai? — indagou Odete, lançando ao moço um olhar perscrutador.

— Está crescida. Seus olhos recordam os olhos da mãe. Ela pensa que você morreu...

Houve uma pausa; depois ele prosseguiu:

— Odete, apesar de tudo, eu ainda lhe quero bem. Você continua na minha vida, com a mesma fascinação dos tempos passados. Quero-lhe como antigamente! Meu amor vai até ao sacrifício. Humilha-se e... perdoa. Quer voltar para a fazenda que nos conheceu tão felizes? Tudo está como dantes. A grande sala forrada de ouro, os quadros antigos... As trepadeiras em redor da casa. O riacho silencioso e as montanhas azues, que juntos contemplávamos da varanda rústica... Volte para casa! A menina terá o que nunca teve: os carinhos de uma mãe... Esqueceremos tudo e recomeçaremos uma nova vida!

Uma gargalhada estridente interrompeu-o.

— Voltar? — exclamou ela, rindo desdenhosamente. Nunca daria certo! Sou muito feliz. Mauro é tão bom para mim! Posso um lindo palacete, jóias, *toilettes*, criados e automóveis. Você nunca poderia dar-me tudo isso!

Sergio empalideceu. Havia no seu rosto uma expressão de angústia.

— Odete! — implorou ele.

Ela tirou um cigarro da carteira e acendeu-o. Soprou um anel de fumaça. Olhou com desdém para o moço e disse, bruscamente:

— Vá embora! Odeio-o!

Sergio ficou lívido. Seus olhos chisparam.

— Está bem! — gritou ele. — Vou-me embora! Não a importunarei mais!

Ergueu-se violentamente. Atravessou o salão e saiu.

Ela estremeceu. Tinha as mãos tão trêmulas, que o cigarro lhe escapou dos dedos. Os lábios tremiam-lhe. Sentia no coração um peso intolerável.

Como ela mentira!

Ela o amava. Nunca pudera olvidar seu marido. O coração reclamara sempre seu primeiro amor. Quanta saudade sentira daquela felicidade que se fôra!...

Mas, era tarde demais, quando ela compreendera todo o alcance de sua loucura. Fazia um ano que Mauro a abandonara. Quantas vezes ela passava dias inteiros sem provar um pedaço de pão!

Sua vida era atormentada de dúvidas, tristezas e recordações.

O destino castigara-a e castigara-a bem... Agora seu marido a perdoara.

Ela ainda poderia ser feliz! Mas era muito tarde...

Os parentes e amigos não queriam recebê-la. O esposo e a filha



## NÃO SUA ADVERSARIA

Ao entrar num teatro, num salão de baile, num ambiente de elegância, enfim, faça-o confiante em sua beleza. Procure, arrojadamente, os pontos bem iluminados. Se possui uma cutis perfeita, a luz só poderá realçar o seu encanto.

Tentando encobrir a cutis mal tratada e cheia de pequenas imperfeições, muitas senhoras usam, em excesso, cosméticos que impedem aos póros respirar.

Gaste alguns minutos diários no tratamento de sua cutis com SARDOGEN, e faça ponto final ao receio de ser notada. SARDOGEN elimina panos, sardas e espinhas, além de representar uma defesa para a perfeição de sua cutis.

Use SARDOGEN e coloque-se, confiante e ativa, nos lugares bem iluminados que mostrarão a sua cutis rejuvenescida e mais alva.



# SARDOGEN

Para receber um vidro pelo correio, envie 10\$000 em dinheiro ou selos, a GLOSSOP & CIA., Caixa Postal, 140 — RIO.

sofrieriam. Ninguém poderia apagar seu passado. Seu marido não confiaria mais nela... Se ela voltasse, seria um obstáculo à felicidade e ao futuro de sua filha. Sergio poderia encontrar outra mulher que o amasse e o fizesse feliz.

Sentia-se fraco e doente. Talvez a morte estivesse próxima...

A Odete de outrora havia morrido! A Odete de hoje não merecia nem perdão, nem piedade. Havia de sofrer até o fim.

Ela impusera a si mesma esse castigo.

Odete olhou em redor de si, mas a gente, as luzes e as mesas, tudo dansava ao seu redor: ela chorava...

CECIL VANETTI CAMPS

FON - FON

## DICIONARIO DE BELEZA

Dr. Pires — Coeditora Brasileira, Editora-Rio, 1941.

“DICIONARIO DE BELEZA” é um novo livro do dr. Pires, especialista em assuntos de estética. No presente trabalho vêm explicados, nas cem paginas que contem, todos os assuntos que se referem à plastica.

Quem desejar uma explicação sobre qualquer assunto de beleza basta procurar por ordem alfabetica a questão que quiser para logo ter a descrição clara e resumida da mesma.

Todos os metodos, processos ou conselhos citados são rigorosamente científicos e representam o que de mais moderno e eficaz existe na arte de aformosear. Muitas são as gravuras que ilustram o “Diccionario de Beleza” do dr. Pires tornando o texto ainda mais compreensível.

*As Cores Alegres*  
de  
*Peggy Sage*



INCARNAT, um vermelho profundo, e Eclat, um rosa fragil, para enfeitar as suas unhas com tonalidades lindas que afugentam a tristeza... no esmalte que "dura como o aço". Extasie-se também com estas outras novidades: Fez, Sari, Mantilla e o fogo vivo de Cereja Negra.

**PEGGY SAGE**



A'S vezes, as coisas que causam-  
peor efeito são precisamente  
aquelas que, prontamente, qualifi-  
camos de futeis, indignas de nos  
preocuparmos com elas.

Remeter um selo dentro da car-  
ta que se dirige a uma determi-  
nada pessoa, pedindo uma respos-  
ta, é uma falta.

Tal coisa só é permitida entre  
parentes ou pessoas ligadas por  
grande amizade. Fazer isto quan-  
do só se conhece superficialmente  
a pessoa, constitui uma grande  
incorreção.

\*\*\*

Interromper, de forma sistema-  
tica, a quem está falando, com o  
fim de citar um fato qualquer ou  
um dito gracioso, ou com o intuito  
de opor um argumento, tolera-se  
a princípio, porém termina por cau-  
sar aborrecimento. É um costume  
frequente, no qual não se repara  
muito. Não é possível manter uma  
conversa agradável e demorada  
com quem procede dessa maneira.

\*\*\*

É falta absoluta de discreção  
revelar-se conhecimentos de fatos  
desagradáveis ocorridos nos lugr-  
es onde nos encontramos, ocasio-  
nalmente, de visita.

Não devemos, nunca, ser o pri-  
meiro a tocar em assuntos de te-  
mas ingratos.

Podemos ter a certeza de que tal  
gesto será agradecido.

Não custa esperarmos que os  
interessados nos comuniquem os  
casos, se isso lhes interessa.

Adiantarmo-nos, poderia dar  
ocasião a que se interpretasse, er-  
roneamente essa desnecessária fal-  
ta de tato.

\*\*\*

Oferecemos nossa casa aos ou-  
tros, quando existe o desejo de  
cultivar sua amizade, de estreitar  
relações. Outras vezes se oferece  
protocolarmente.

Ha, porém, pessoas que, no pri-  
meiro dos casos enumerados, ma-  
nifestam, uma impaciência pouco  
recomendável, apresentando-se de  
visita, nas casas que lhes foram  
oferecidas, antes de decorrer um  
certo espaço de tempo.



## Pratos variados a toda hora

MINGAU de manhã... sopa ao al-  
moço e jantar... bolinhos para o  
chá, tudo feito com a deliciosa Quaker  
Oats. Como são gostosos e como fazem  
bem! Quaker Oats contém os verda-  
deiros e necessários elementos para ga-  
nhar-se saúde e vigor. Fortifica o or-  
ganismo, acalma os ner-  
vos, dá energia. Tome  
Quaker Oats todos os dias.  
Compre Quaker Oats e  
receberá o peso integral  
— 567 grs. em cada lata.

Insista em comprar a lata  
com a figura do Quaker  
— a aveia sem impurezas.



## QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram  
maior rendimento por lata.

## APOSENTOS CIRCUNDADOS COM PAREDES MACIAS

UM sistema de construção que garanta, de antemão, boas propriedades técnico-acústicas, foi alcançado nas construções executadas por um engenheiro alemão residente em Copenhague, Waldemar Oelsner, segundo as explanações feitas pelo professor dr. K. W. Wagner, numa assembléa extraordinária celebrada na Academia Prussiana da Ciências. Oelsner conseguiu combinar as diferentes partes da construção, com tal elasticidade, que as vibrações não se propagam ao atravessar um obstáculo, por exemplo, uma parede, mas, também, não são devolvidas pela mesma, evitando assim o eco.

As áreas interiores dos aposentos que devem ser sujeitos à técnica acústica, recebem uma superfície lisa, que, recebem uma superforçada sobre uma base plasticamente flexível. Estas "paredes macias" têm a propriedade acústica muito vantajosa de amortecer grandemente os sons baixos, captando, ao contrário, os sons superiores altos, com menor intensidade. O fato mencionado é importante, já que as peças de mobiliário e também as pessoas que enchem um salão de concertos, absorvem mais fortemente os sons altos. Sem o emprego do sistema de construção idealizado por Oelsner, os sons baixos obtêm então um grande excesso de intensidade: as paredes macias, porém, restabelecem amplamente as proporções naturais entre os diversos componentes do som. Ademais, o sistema de Oelsner permite construir aposentos inteiramente de acordo com o moderno espírito arquitetônico.

Segundo as declarações do prof. Wagner, Oelsner já pôde experimentar e comprovar a excelência do seu sistema, de construção, em numerosos salões de festas, cine-teatros, escritórios e residências. Um êxito especial, porém, obteve com a edificação de uma igreja, em Copenhague, realizada com a sua colaboração. Trata-se de uma construção em estilo gótico, com colunas e três naves, tendo 25.000 metros cúbicos de volume aéreo. Segundo as experiências colhidas com outras semelhantes, não se podia absolutamente esperar que a prédica fôsse compreensível ou que a música soasse com harmonia, em qualquer lugar em que se estivesse. O sistema de construção Oelsner oferece agora excelentes condições auditivas a tais peças, pois apresenta um exemplo modelar do êxito obtido com uma construção inteiramente de acordo com a técnica acústica.

**SUPER CERA**  
**GOSCH**  
PARA SOALHOS

Usando-a uma vez por vez terá o soalho sempre brilhante.



Não há necessidade, minha Senhora, de cada mês ter sete dias de sua vida subtraídos às suas atividades e às suas alegrias. Si a Senhora sôfre, deve-o à sua imprevidência. Use A Saude da Mulher. Regulador, tônico, anti-doloroso. A Saude da Mulher lhe fará recuperar anos de vida.

O remédio que tem no nome o racimo de suas virtudes.



## A SAUDE DA MULHER

### "MOLDES DE FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º ..... publicado no FON-FON de ..... de acordo com as seguintes medidas:

Comprimento: do decote ..... da cintura .....

dos quadris ..... da barra .....

Circunferencias: do busto ..... da cintura .....

dos quadris .....

Medidas do ombro ..... da manga .....

do punho ..... das costas .....

Junto a importância de ..... (em selos de 200 réis do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME .....

RUA ..... N.º .....

CIDADE ..... ESTADO .....

Juntar a importância de três mil réis (35000) em dinheiro ou em selos de 200 réis, para entrega a domicílio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de dois mil e quinhentos réis (25500).

Toda correspondência deverá ser dirigida para o seguinte endereço:  
RUA DA ASSEMBLÉA, 62 - 1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL

*Simplastic\**

A atrofia do tecido fibrovascular diferenciada a esclerose.

Envia-se para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de Rs. 15\$, remetida por carta com valor declarado.

**THERMOMETROS  
PARA FEBRE  
"CASELLA  
LONDON"  
FUNCIONAMENTO GARANTIDO**

RESIDENCIA : 25-0802

ouvindo a voz profética dos sinos,  
que a tragédia de todos os destinos  
póde alguém, num segundo, achá-la em si!

Meditemos, como último argumento, êsse seu "Drama interior"...

Endereço — Rua da Assembléa n.º 62 — Caixa Postal 97 Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondência referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redacção, acompanhada do coupon da pagina ao lado.

# TODOS...

**MEDIOCRE (Capital)** — Vejamos a sua carta ver-de como um grito de esperança... perdida...

Ei-la:  
"Yves. Li sua crítica que me encorajou a mandar novo soneto, o terceiro!"

Este se possível, pode publicá-lo. Mando, também, versos não regulares, modernos com um pouco deste desprendimento atual, de liberdade, desta música toda cheia de transposições, mas, não cadência.

Se merecerem publicação, publique-os pois se ajustará ao próprio conceito de que: "é útil mesmo áquelles para si inúteis"...

Grato pelo muito pessoal "espírito maduro" que, como fraze ponte me põe em contacto com a outra lauda quase, por certo, balbúcia filosófica e agradeço pelo muito de seu valôr percebido e pelo mais que concebo de seus favores.

E, das concessões de tal honra posso me subscrever ainda muito admirado, se não mediocre".

Se eu o encorajei, — o certo é que o sr. não teve "coragem" de estudar... E a prova é que me envia poemas (?) mal enjambrados como os de hoje...

Aquí está, por exemplo,

## POETA

*A minha vida... Oh! a minha vida...*

*E' quase nada!...*

*Na culminancia infinita deste inferno!*

*Vida apaixonada...*

*Swave, louca, brusca, lenta, maldita  
e eterna...*

*Sarcastico? sou, e que me importa a vida?*

*Eterna convulsão que vivo...*

*Fraco... suicida...*

*Morro aos poucos...*

*Sou... que importa?*

*Só sei que sofro, vibro, sou sensível e choro...*

*Sou poeta!...*

Mas creia que, mesmo mau poeta, como é, eu admiro, pelo menos, a sua tenacidade...

O sr. me dá a idéa de um daqueles corredores que tomavam parte nas corridas de pedestres, que iam tirar a argolinha, no vencedor... (Isso, é claro, é episódio da minha meninice...) O fato era pitoresco.

Partia um grupo de dez ou doze rapazes, para alcançar a tal argola — que valia um bom prêmio. A's vezes, o vencedor da corrida já estava de posse do troféu, e o tal corredor pertinaz, esbaforido, o coração a saltar do peito, ainda corria na pista. Não desanimava...

O sr., em poesia, é como esse corredor dos meus tempos infantís...

(Conclue na pagina 17)

## COUPON

Data da consulta.....

Nome do consulente.....

28-6-1941

# PHENOMENO



E'  
O GRANDE E  
ANTIGO  
SEGREDO  
QUE  
TORNA LINDOS  
OS  
CABELLOS

PERFUMARIA TARRÉ  
R. Visc. DO RIO BRANCO, 60-RIO-

## SÃO 3 horas E JÁ EXHAUSTA!

Muito cansada para fazer seus deveres e desanimada para brincar. As 3 horas da tarde começa já a sentir-se nervosa, irritável e exausta. Si continuar assim não terá chance na vida. Sua vitalidade, sua energia e seu estado de saúde são minados com o veneno da eliminação incompleta. Um copo diario de ENO natural e seguro sal efervescente — lhe devolverá a saúde. Seu medico concordaria porque elle sabe que o "Sal de Fructa" ENO actua suavemente e não contém drogas ou sales minerais que possam affectar o delicado organismo infantil.

## ELLA PRECISA



**ENO**  
"SAL DE FRUCTA"

# DEIXE-ME LER SUA MÃO...

FRASQUITA (Est. do Rio). — Dou aqui, o meu bilhete:

"Prezado Sr. Yves. Ansiosa por saber o que dizem as linhas de minhas mãos, venho importuná-lo, pedindo-lhe um estudo das impressões palmares que junto remeto.

Confiando inteiramente em seu criterioso estudo, sou cordialmente".

Faça o favor de ler o que se pede nas instruções abaixo. Se não as entender, recorra a pessoa que lh'as possa explicar.

V. ex. fez tudo errado.

Basta dizer que só me forneceu a prova de u'a mão.

Adianto, porém, que tudo lhe será difícil — devido ao seu temperamento. V. ex. é uma criatura que só gosta de si mesma. Tudo ha de ser para a sua pessoa. Ela — em primeiro lugar. Deus, e o resto, em segundo.

V. ex. é dessas criaturas que quando conversam, dizem sempre: "Eu..." porque "eu", mas "eu", e "eu", antes de tudo "

Ora, uma pessoa que só pensa no seu "eu", não póde atrair as forças benéficas que vêm do Alto! Conviem ser mais humana e pôr de lado essa preocupação personalística — em proveito do próximo e dos seus — pelo menos.

Não suponha que nêsse modo rude, sincero, de falar, haja qualquer manifestação de antipatia pela sua pessoa. Não! Há, apenas, sinceridade.

Literatura, galanteios, palavras doces não querem dizer franqueza, nem interesse. Envolvem, quando muito, hipocrisia.

E eu só me utilizo dela quando forçado pelas convenções sociais. No caso em apreço, o que há é uma consulta, onde devo ser tão sincero — e a sinceridade é sempre rude — quanto um médico ou um confessor.

Muita gente interpreta as minhas atitudes francas com desamabilidade, falta de gentileza.

Não faz mal. Nem por isso a minha correspondência diminui.

MAX (Minas). — Carta simpática, a do sr. Permita que, embora seja confidencial, ela apareça aqui:

"Montes Claros, Minas, 31-5-41. Caro Sr. Yves. Saúde e Paz. Sempre que se me torna possível, eu leio em "Fon-Fon", na pagina "Deixe-me ler sua mão", as suas respostas aos que se lhe dirigem em assuntos de quiromancia.

Não sei porque razão, o sr. Yves, dá a entender o mais que póde, não ser

um quiromante e sim méro curioso nessa ciência. Outras vezes dá para dizer não acredita, não fazer dessa profissão etc.

Não concordo sr. Yves com a sua opinião.

Tenho notado pelas suas respostas, ser conhecedor profundo, e muito intuitivo.

O dinheiro é preciso para se viver nos tempos atuais. Aliás, sempre o foi. Cristo também teve necessidade dele para impostos. Leia mãos e cobre vinte mil reis por cabeça que não haverá neste mundo de Deus, coisa mais honesta.

Não creio que ficará rico; mas terá um belo apartamento em Copacabana. Que não lhe sirva de nada. Mas servirá para os seus. Do leitor e amigo admirador. — Max."

Resposta:

1.º — O seu ponto de vista é o de um homem prático. Um homem que vê as cousas pelo seu prisma real. Eu penso que, se para se aprender a ler mãos, é necessario adquirir livros caros, é justo, portanto, que se cobre, pelo menos os juro dêsse capital empastado e mais — o fator tempo. Direi porém, que o consulente não sabe fazer distinção entre o charlatão e o apostolo de uma ciencia. Ele deseja o máximo pelo mínimo. Em outras palavras, o cliente pede o céu e a lua em troca de uma cômoda "carona". Ele não crê em livros, nem em que estes custem dinheiro nas livrarias.

2.º — De resto, quem fala aqui é o encarregado de "uma secção do FON-FON". E' um funcionário, sob o pseudônimo de — Yves. A minha pessoa não aparece no caso. Nem eu desejo que o meu nome literário se confunda com o de quiromante — no sentido pejorativo em que é tomada essa palavra.

3.º — Leio a mão de amigos e pessoas que, antes de verem em mim um quiromante, procuram estreitar as minhas relações de amizade, sem inter-



Quer saber o que dizem as linhas de suas mãos? E' facil. Ponha o fundo de um prato engordurado — com banha, graxa, manteiga, cêra, etc — sobre o chama de uma vela. Passe, sobre as duas mãos, o fumo negro que resultar daquela operação. Calque, depois, as mãos sobre duas folhas de papel de linho, sem pauta, de modo que fiquem bem nítidas, e queira enviar-las a Yves, nesta redação, devidamente assinadas. Pode também usar tinta de imprensa ou rouge. E' imprescindível remeter o coupon abaixo, o qual dá direito apenas a um estudo.

## COUPON "Deixe-me ler sua mão"

Data .....

Nome .....

Idade .....

Estado Civil.....

Local .....

(Conclue na pag. 63)

TRADICIONAL **VENDA ANUAL** MAIO-JUNHO  
**MOVEIS · TAPETES · CORTINAS**  
 GRANDES REDUÇÕES DE PREÇOS EM TODOS OS ARTIGOS

**ASA**  
 MARCA

**UNES**  
 REGISTRADA

MATRIZ **RIO** ANEXO  
 65-R. DA CARIOCA-67 • 82-R. 7 DE SETEMBRO-82

**SAIBAM TODOS...**

(Conclusão)

GLAUCO MEIRA (Capital) — Vejamos a sua carta:

"Rio, 9 de Junho de 1941. Prezado amigo sr. Yves. Atenciosos cumprimentos.

Tomando a liberdade de enviar-lhe o despretencioso soneto "Como te quero", que, medrosamente submeto à sua proficiência e consideração, peço venia para pedir-lhe um grande obsequio. Si não merecer a atenção do meu distinto amigo, rasgue-o e não faça, eu lhe peço, a menor alusão ao pobre trabalho de um principiante, que busca as luzes dos entendidos.

Si, no entanto, merecer o mesmo qualquer gesto de amizade, creia que muito obrigará o patricio e admirador, que se subscrive, respeitosamente, criado às ordens, *Glauco Meira*."

Sr. poeta. Em boa regra, não devia tomar em consideração a carta que me envia. Basta notar que ela vem assinada á maquina. Mas, do mesmo modo que o sr. não tem noções de literatura, é bem provavel que não as tenha, em relação às convenções sociais.

Assim, o sr. fica sabendo que u'a missiva qualquer deve trazer a assinatura autêntica de quem a escreve — mesmo que se trate de pseudônimo. Depois desta lição de bom tom, passo ao seu soneto... (!)

**COMO EU TE QUERO . . .**

*Um dia eu te encontrei na minha vida!  
 Meu olhar com o teu, então, cruzou.  
 E naquele instante, rápido, querida,  
 Meu coração do teu se aproximou.*

*Depois, nos afastámos; e ferida,  
 A minh'alma saudosa, então, chorou.  
 E uma lagrima quente, muito sentida,  
 Nos meus olhos rompeu e aí ficou.*

*Novamente, nos vimos; que ventura!  
 Nossa vida ligámos, com carinho,  
 E eu te dei minha vida com loucura!*

*Um dia, perguntaste: "Tu me queres?"  
 E eu te disse, ao ouvido, bem baixinho:  
 "Quero-te mais que a todas as mulheres!"*

*Glauco MEIRA*

Bem pulha, o seu soneto. Não vale a pena escrever versos mediocres, como esses (mediocres e aleijados) com o fim de aparecer como poeta, numa revista que não é de principiantes.

**FESTA A' IMPRENSA.** — Tenho a maior satisfação em agradecer á digna Diretoria do Clube de S. Cristovão, o convite que me foi enviado, para a festa, ali realizada, em homenagem á imprensa escrita e falada.

Tratando-se da aristocrática sociedade de S. Cristovão, cuja tradição é das mais honrosas, em os nossos meios sociais, é de esperar que o festival obtenha o mais retumbante sucesso.

YVES



**METROLINA**  
*Para a higiene  
 íntima da mulher*  
**ANTISSEPTICO GINECOLOGICO  
 BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE**



Telefone 29-5641  
Caixa Postal 228. Rio



## INSTITUTO ABDON LINS DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina. Do Laboratório Bacteriológico da Saúde Pública. Catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia. Docente da Faculdade Nacional de Medicina.

Seção de Análises Clínicas:  
Exames de sangue, pú, etc.  
Confeção de vacinas  
autôgenas, etc.

RUA RODRIGO SILVA, 30  
(1.º andar)  
Telefone 22 - 1235



### A MÃE — A FILHA

Mãe (jovem ainda). — Informou-me tia Martha que resolveste ir viver com ela.

Filha. — (constrangida). — Sim... creio que será melhor para nós duas.

Mãe. — Com efeito... mas não é necessário separarmos-nos assim, como se estivéssemos ressentidas e escondendo possíveis mas não justificadas melindres. O que devemos é ter uma explicação mutua para saber se continuaremos amigas ou...

Filha (precipitadamente). — Oh! mamãe! Continuaremos como sempre, não o duvides. Reconheço teu direito de tornares a casar-te e estou bem longe de censurar-te por isso.

Mãe. — Alguma reprovação terás tido quando resolveste entender-te primeiro com tia sem antes te explicares comigo.

Filha. — Repito-te que nenhuma. Vivemos, porém, sempre sós, em e tu, e sinto que não poderás acostumar-me à intromissão de um terceiro na nossa intimidade, mesmo que este seja um antigo amigo, a quem, aliás, muito aprecio. O contrario me levará, talvez, a uma atitude forçada e, sem o querer, um dia eu poderia formular uma réplica violenta ou assumir uma atitude caprichosa que poderia provocar desinteligências que perturbariam injustamente tua nova vida. E só por isso, creio, vou me embora.

Mãe (fazendo uma pausa). — Mas, com sinceridade, preferias que não voltasse a casar-me, apesar de tudo que justifica essa minha atitude?

Filha (baixando a cabeça). — Sim, já que me forças a isso...

Mãe (triste, mas com firmeza). — Pois bem, tratarei de modificar teu modo de pensar mediante uma explicação mais completa, que julgava desnecessária. Sabes que teu

## Segundas Nupcias

pai morreu depois de dois anos de casados e facilmente eu poderia ter contraído novas nupcias logo depois. Não quis, porém, fazê-lo para não dar-te um protetor que, frequentemente, se transforma em tirano, porque os homens devem mandar em sua casa, mas é bem triste se ser mandada por quem não é o próprio pai.

Filha. — Agradeço-te, isso...

Mãe. — Essa frase em tua boca parece-me ironia e não te fica bem... Hoje a situação é muito diferente. És de maior idade, resolves sózinha o que queres, tens um noivo que não me agrada, coisa que não discuto, porque não quero me opôr ao teu amor, pois, embora saibas que não te casarás tão cedo estás disposta a esperar... E, quando chegar essa hora, eu ficarei só...

Filha. — Espiritualmente nada nos poderá separar.

Mãe. — Mas, de fato, estaremos separadas; tu, em tua casa e eu na minha, afim de evitar os aitos, certíssimos, que eu teria com teu marido e se vou esperar que te cases primeiro não mais poderei tratar da minha vida porque já estarei velha...

Filha (compreendendo). — Ah!...

Mãe. — Sim, estarei velha e na impossibilidade talvez de trabalhar para manter-me como até hoje, para chegar, então, ao extremo de vir a ser uma carga para teu marido. Assim, filha, nessa perspectiva, e pelo fato de teres muitos anos de mocidade para poder esperar, enquanto isso me falta, decide-me a aceitar um companheiro para a velhice enquanto é possível prevenir e evitar o mal futuro que poderia causar-nos desgostos bem maiores.

Filha. — Tudo previste, mãe...

Mãe. — Sim, minha filha, e parece-me mais triste essa possibilidade do futuro que a cerimônia próxima...

Filha. — Assim também o compreendo e vou viver com tia para deixar-te refazer tranquilamente tua vida. Mas, compreende, mãe, para a nossa profunda intimidade de toda a vida, sentimos, em nossos corações, que de dois males escolhemos o menor. Mas, na hora de aceitar o nosso sacrifício naturalmente sofremos. Quando o tempo passar e a lógica do teu proceder se tiver imposto aos melhores sentimentos de meu coração, seremos, então, mais amigas do que nunca e amaremos muito mais ao teu companheiro que, certamente, será o teu melhor amigo. Por enquanto, porém, não violentemos nossos sentimentos, levando mais longe uma explicação que poderia diminuir-los...

Mãe. — Tens razão, mas queria ter a certeza de que não me compreendias mal... (abraçam-se estreitamente e, talvez, pela primeira vez, se sintam companheiras de almas.) — SARA POCCHI.

# Mocinhas e Mulheres

*As congestões e inflamações de certos órgãos internos*



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma commoção violenta, uma noticia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

As molestias mais perigosas das mulheres começam sempre assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das molestias mais perigosas!

Para evitar e tratar as congestões e as inflamações internas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e colicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desanimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormencia nas pernas, enjões, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saude causadas pelas congestões e inflamações do utero.

**Regulador Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

**Regulador Gesteira** evita e trata tambem as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

# NOTAS DE ARTE

## SÃO-LUIZ CARIÓCA

HOJE

2-4-6-8-10 HORAS



A EPOPEIA  
DOS  
PIONEIROS  
DO  
TELEGRAFO!

ZANE GREY

CONQUISTADORES



TECHNICOLOR

ROBERT YOUNG  
RANDOLPH SCOTT  
DEAN JAGGER  
VIRGINIA GILMORE

John Carradine • Slim  
Summerville • Chili Wills  
Barton MacLane

(imp. até 10 anos)

Acompanham

Complementos

Nacionais.



MARIA GUILHERMINA. — Na tarde de domingo, 15 de junho, abriu-se o Teatro Municipal para um recital de Maria Guilhermina, a notável pianista brasileira, conhecida e aplaudida pelo público e pela crítica do Brasil, do Uruguai e da Argentina, aquela de quem disse, em 1936, Yves Nat, o conceituado professor do Conservatório de Paris, ao concluir a pianista o seu curso de aperfeiçoamento: "...il n'est pas douteux que son nom s'inscrit d'une façon inoubliable dans les Annales de la Musique".

A realidade correspondeu à expectativa, através das belas execuções das peças deste programa, e mais dos 3 extras — *Malagueña*, de Lecuona; *Marcha dos Soldadinhos desafiados* e a *Bela do bosque*, de Lourenço Fernandez; *Nocturno*, op. 15, n. 2, de Chopin; I) BEETHOVEN — *Sonata op. 57* (*Apaixonada*); *Allegro assai* — *Andante* com moto — *Allegro* ma non troppo; LISZT — *Rapsodia Hungara*, n. 6; II) CASTELNUOVO-TEDESCO — *Noite e lua* (Da suite "Rapsodia Napolitana" — 1ª audição); BELA BARTOK — 2 *Danças populares rumanas* (1ª audição); MOMPOU — *Canção e Dança*; FALLA — *Dança Espanhola* ("Vida Breve"); III) EDUARDO CABA (Boliviano) — *Aire Indio* n. 2 (1ª audição); EDUARDO FABINI (uruguaio) — *Triste* n. 1 (*Canção crioula* — 1ª audição); CARLOS LOPEZ BUCHARDO (Argentino) — *Balecito* (1ª audição); ISABEL ARETZ-THIELE (Argentina) — *Vidala* (Não me abandona a minha dor); J. ITIBERÊ DA CUNHA (Brasileiro) — *Dança alegre e sentimental*; FRANCISCO MIGNONE (Brasileiro) — *Congada* (*Dança brasileira*).

Ouvindo a recitalista, ouvia-se realmente uma pianista invulgar.

Interpretando peças de vários generos e diversos autores, mostrou-se a pianista simultaneamente igual e diferente. Igual pela mesma sabedoria técnica, e diferente pela variedade de expressão estética que imprimia a cada composição. Clássica com Beethoven; romântica com Liszt; moderna com Falla, Bartok, Mompon e os musicos latino-americanos — Caba, Fabini, Buchardo, Aretz-Thiele, Itiberê da Cunha e Mignone.

Mas se tudo foi belo, nem todas as belezas foram do mesmo porte. Para a nossa sensibilidade assinalamos distintamente o 2º tempo, o *Andante* da *Sonata* de Beethoven, que o piano cantou. Depois as *Danças* de Bela Bartok e de Falla, expressões vivas da alma popular latino-eslava da Rumania e do genio celtico mouresco do povo da Espanha — ao que a insigne virtuose deu acentuado relevo. Em seguida *Vidala* de Isabel Aretz-Thiele, que embalsamou o ambiente com a sua delicada beleza sen-

timental no meio de outras posições americanas, que falaram mais 205-sentidos do que ao coração, embora belas no seu gênero, belamente interpretadas, como *Canção crioula* de Fabini, *Balecito* de Buchardo e *Dança de Ilha* da Cunha.

Não nos lamos esquecendo, propositalmente deixamos para o fim, a beleza impar do recital, que foi a interpretação da *Rapsodia* de Liszt. Maria Guilhermina atingiu então a alturas que só alcançaram grandes pianistas. Não só nas passagens de bravura, de agilidade e força, mas também nas em que predominava a maciez dos sons e a melancolia, onde o piano cantava mais do que toca, em tudo, a interpretação revelou de um alto poder emotivo e de uma comunicabilidade empolgante. As palmas estridentes juntaram-se bravos do auditorio entusiasmado com a magistralidade da interpretação.

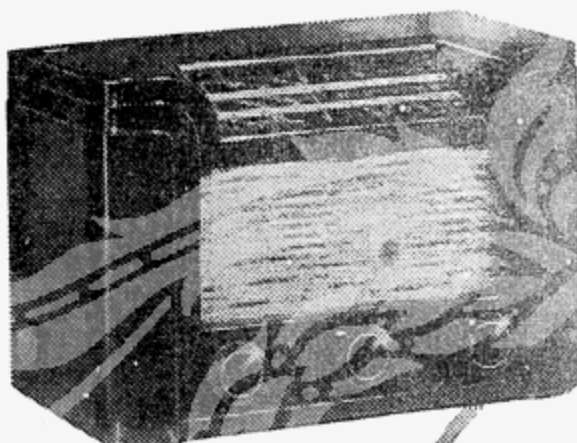
Infelizmente a circunstancia de ser domingo e uma tarde linda, de céu azul e temperatura amena,

(Continua na pag. 51)



BEATRIX REYNAL, a poetisa avel de "Tendresses Mortes" (Goussier, Paris-1937) acaba de nos dar um novo livro: "Au fond du coeur", em cuidada edição Pongetti. Versando com desenvoltura, elegancia e simplicidade, a autora destes poemas nos conduz a um mundo que já não existe, parece. De tal maneira ha suavidade na forma e na essência dos seus versos, na paisagem que ela pinta e nas criaturas que aí se movimentam, que a gente fica pensando que tudo corre por conta do sonho bom e belo que Beatrix Reynal esteve sonhando. É pena, porque as cenas que ela conservou de sua infancia são capazes ainda hoje de emocionar e comover, fazendo de "Au fond du coeur" um delicioso livro em cujas paginas se poderá mergulhar em busca de descanso. Tudo nesta poesia tem e o mesmo perfume daquelas flores do corpete da loura Nanon... O perfume, a beleza e o colorido fixados como foram surpreendidos e lembrados: em flagrante. E' da ilustre poetisa a gravura, num magnifico esboço de Reis Junior.

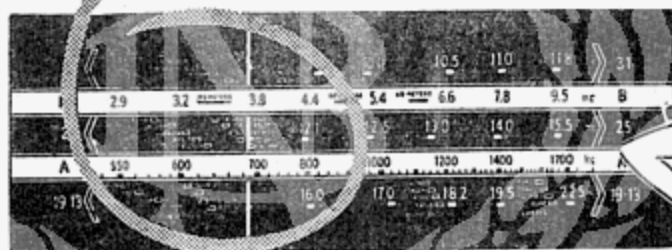
# Sensacional *RCA Victor* de 1941 Concurso



MODELO  
"BROADWAY"  
Q 22

Offerece .....  
*Desdobramento de Faixa*  
aperfeiçoamento tecnico notavel que  
facilita a syntonização de ondas curtas.

**1º Premio**  
Recepção incompara-  
vel de ondas curtas  
e longas



ORIGINAL CONCURSO FOI INSTITUIDO PELA RCA VICTOR EM TODO O BRASIL. PREMIOS VALIOSOS, PARA OS CONCORRENTES DE CADA ESTADO. E' facil .. é rapido... todos podem concorrer sem despesa alguma. Peça o folheto explicativo na Loja do Revendedor RCA VICTOR mais proximo. **INSCREVA-SE HOJE MESMO ! SEJA UM DOS FELIZARDOS!**

O SORTEIO SERÁ REALIZADO NO AUDITORIUM DA PRA-9 RADIO MAYRINK VEIGA, ÀS 21 HORAS DO DIA 30 DE JUNHO, EM UM PROGRAMA ESPECIAL EM QUE ACTUARÃO OS ARTISTAS DE GRANDE RENOME DA VICTOR.

NO  
RIO,  
TODAS  
AS CASAS  
DE MUSICA  
ESTÃO  
DISTRIBUINDO  
O  
FORMULARIO  
DO  
CONCURSO

***RCA Victor***  
SYMBOLO DA MAXIMA PERFEIÇÃO.



RCA VICTOR BRASILEIRA INC.  
Edifício Nilomex — Rio de Janeiro  
Caixa Postal 2726



## JOCKEY CLUB *Mundano*

MAIS uma luminosa tarde de mundanismo elegante, no hipódromo da Gávea. Mais uma reunião festiva da alta sociedade carioca. Os instantâneos desta página fixam a vibração de um "meeting" esportivo-mundano no Prado do Jockey Club, sob a carícia e o esplendor de um domingo de sol...





# P R I



## RADIO-COMENTARIOS

NÃO há puritano indígena que não descubra «podridões ocultas» nos meios radiofônicos. Cada emissora é um antro de horrores para os inefáveis catões botocudos da imensa taba brasileira... A esses «pilantras» da Moral é recomendável a leitura do 8.º capítulo de «A verdadeira Hollywood», de Raul Roulien, que acaba de dar-nos «Aves sem Ninho», um filme esplêndido, em face das possibilidades precárias do cinema nacional... Nessa parte do seu livro de impressões hollywoodenses, conta-nos Roulien os horrores a que têm de sujeitar-se os «astros» e «estrelas» da famosa Cidade de Ilusões. Os nossos poucos «astros», especialmente os radiofônicos, sentir-se-ão bastante confortados, quando souberem por quê a infeliz Clara Bow deixou de filmar... E saberão enfrentar com menos tristeza as infâmias dos «pilantras» da moral... — S. S.

### SUGESTÃO

O microfone é um sorvedouro de idéias. Programas que exigem longas noites de estudo, e não raro prolongadas vigílias, ele os devora em pouco tempo, com a insaciabilidade de um Moloch... Mas não é justo, positivamente, se abandone a virginalidade do «verba volant» muita coisa boa, muita coisa edificante que passa pelos nossos microfones. Um belo exemplo do que afirmamos é a série «Gênios Musicais», que a Rádio Mayrink Veiga transmitiu para os ouvintes de bom gosto. A referida série nos proporciona, agora, o prazer de uma sugestão à Divisão de Rádio do DIP, dirigida pela inteligência esclarecida de Julio Barata: o aproveitamento de programas educativos como esse, no sentido de imprimi-los, incluindo-os na coleção iniciada com tanto êxito pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, para a elevação da cultura do povo brasileiro. «Gênios musicais» poderia iniciar a série de trabalhos radiofônicos impressos pelo DIP, e daria dois interessantes volumes leves: «Carlos Gomes» o primeiro; o segundo com as radiobiografias de Bach, Haendel, Beethoven, Mozart, Haydn, Schubert, Schumann, Brahms, Liszt, Chopin, Wagner, Berlioz, Grieg, Spontini e dos cinco russos famosos: Rimsky-Korsakow, Balakirew, Cesar Cui, Moussorgsky e Borodine.

### DOIS ANIVERSÁRIOS

A Rádio Ipanema festejou com muito brilho o seu 7.º aniversário, realizando um desfile de seus «astros» e programas. A Tupi comemorou o 4.º aniversário da atuação de Manoel Barcellos ao seu microfone, movimentando seus cartazes e atrações. Parabéns à estação de Xavier Filho e à emissora de Theophilo de Barros.

### «HISTÓRIAS SEM PALAVRAS»

VICTOR COSTA vem realizando na PRE-S, com sucesso indiscutível, um programa curiosíssimo, que talvez só Pedro Bloch e Berliet Junior seriam capazes de fazer, entre nós: historietas radiofônicas sem palavras de espécie alguma! Utiliza-se o dedicado diretor do «Teatro em Casa» somente de músicas e ruídos. Conseguiu plenamente o seu objetivo, e mais que isso: tornar bem apurados os ouvidos nem sempre atentos dos radiouvintes, preparando o terreno para a realização do Radiatro integral, arte nova e independente. Antes dele, Bloch fez o mesmo, fragmentariamente, nas peças «Anhangá» e «Um milhão de violinos»; Berliet, em vários pontos da sua obra, também fez coisas bastante apreciáveis, visando embora a mentalidade da maloria. (É sabido que o autor de «Defensores da lei» julga necessária a reforma apresentada por Bloch, «com as restrições impôstas pela compreensão popular, ainda inapta a acompanhar os lances da técnica excessivamente avançada do criador de «Marilenas»). Em palestra conosco, Bloch louvou as «Histórias sem Palavras»: mais um motivo para felicitar-mos o vitorioso Victor...

### «MELHORES DE 42»

PUBLICAREMOS no próximo número de FON - FON o «coupon» do novo grande concurso radiofônico da nossa PRI, que vai indicar os 52 melhores artistas do nosso «broadcasting», em todos os setores do «fronte»...

### QUE É O RÁDIO? PARA QUEM É O RÁDIO?

OS intelectuais e «broadcasters» que responderam às dez perguntas da 1.ª «enquete» (Que é o Rádio?) não podem responder às dez perguntas da 2.ª (Para quem é o Rádio?) São os seguintes, pela ordem cronológica:

Roquette Pinto (padrinho), Gustavo Barroso, Olegário Mariano, Pedro do Couto, Wladimir Bernardes, Gilka Machado, Manuel Bandeira, Murilo Araújo, Berilo Neves, Renato Travassos, Fernando Raja Gabaglia, R. Magalhães Junior, Agrippino Grieco, Orestes Barbosa, Rubey Wanderley, Barros Vidal, Zolachio Diniz, Fernando Segismundo, Horacio Mendes, Almeida Azevedo, Nelson Roméro, Benjamin Lima, George Sumner, J. Octaviano, Edmundo Lys, Francisco Galvão, Celestino Silveira, Djalma Maciel, Gomes Filho, Ricardo Pinto, Juracy Araújo, Felício Mastrangelo, Hoche Ponte, Haroldo Barbosa, Mário Lago, Theophilo de Barros Filho, Ruy Costa, Campos Ribeiro, Paschoal Carlos Magno, Oswaldo Santiago, D'OR (Ondina Dantas), J. Caribé da Rocha, Alberto Ribeiro, Sebastião Fonseca, Xavier Filho, Luiz Edmundo, Antonio Cordeiro, Eduardo Brown, Valdo Abreu, Nelson Dantas, Cesar Ladeira, Paulo Roberto, Ademir Casé, Saddi Cabral, Ivo Pecanha, Mariza Lira, Martins Castello, Heber de Bóscoli, Celso Guimarães, Ilka Labarthe, João Mello e Renato Murce.

As dez perguntas da 2.ª «enquete», de que é padrinho o dr. Julio Barata, já foram respondidas por João Dummar, Ramiro de Souza Cruz e Berliet Junior, nomes da nova lista.



Trio de Ouro: Dupla Preto e Branco mais Dalva de Oliveira. Um dos grandes cartazes vocais do Rádio Brasileiro. Legítima atração dos programas de estúdio da Rádio Nacional.



Cesar Ladeira

#### PRÊMIO ROQUETTE PINTO

A valorização do ofício de "speaker", no Brasil deve-se a Cesar Ladeira, antigo jornalista em São Paulo e "announcer" do "broadcasting" local, que após os acontecimentos de 1932 naquele Estado, veio para o Rio já favorecido por sensacional publicidade. Ingressando na Mayrink Veiga, onde até hoje se encontra como chefe das transmissões e diretor-artístico, Cesar Ladeira imprimiu novos rumos à atividade profissional do locutor, então muito discreta mas essencialmente cultural, graças à passagem de Roquette Pinto, Rubey Wanderley e outros intelectuais pelos microfones da cidade. Além dessa valorização publicitária e consequentemente econômica da sua profissão, Cesar Ladeira tem contribuído bastante para a melhoria do rádio carioca, dotando-o de bons programas; estimulando a literatura radiofônica e o radiatro (no qual atua em primeiro plano);

# De Mansinho.

POR DJALMA MACIEL

A voz polícórdia e simpática do speaker Manoel Barcelos vibrou, momentaneamente, no aposento onde o escriba, defronte da máquina de escrever, procurava nos escaninhos da memória profissional o assunto de uma semana. Logo os acordes de uma velha melodia seresteira cobriram as palavras do locutor. "Melodias de outrora"... Pedacos de eras que se perpetuaram em ritmos dolentes e versos repassados de ternos e farrapos de saudade arrancados do pentagrama por um grupo de poetas e cantores sentimentais! Os dedos que já se movimentavam para impulsionar as teclas, retraíram-se, insensivelmente. E o escriba deixou-se ficar, quase imóvel, escutando o programa inteiro — melodia, melodia; frase após frase. Como se estivesse sob a ação de um toxico — um toxico de sabor agri-doce — seus nervos se distenderam; e o seu cérebro mesquinho, trabalhado incessantemente, por preocupações da existência material, repousou alguns instantes. Olhou para dentro de si mesmo e não se reconheceu, naquele momento! Aonde fora a frieza com que espreitava os homens e as coisas? E aquela displicência, aquela elasticidade pela lágrima romântica? Não soube responder. Muito menos pôde explicar por que associava à audição das melodias singelas e rústicas a lembrança de pequenos fatos, de incidentes sem importância observados no transcurso quotidiano da sua vida laboriosa e cinzenta. Vinha-lhe da harmonização dos instrumentos e da voz quente e sincera do locutor, um desejo irresistível e esquisito de afagar a humanidade! De perdoar todos os erros; de esquecer todas as vilanias. Sobretudo, desejo de destruir ali mesmo, em fúria iconoclasta, aquela fileira de volumes que reunia os deuses da sua idóla. Este, que o encaminhou ao ceticismo; esse — por lhe haver ensinado a desconfiar do coração do homem; est'outro, que lhe abriu as portas da insensibilidade dialética. E os restantes — filósofos ou simples comentadores, biólogos ou psicólogos — em cujas obras aprendera que a vida animal é um dos aspectos menos interessantes do eterno rodizio da matéria; que o amor é apenas a necessidade de reprodução da espécie habilmente disfarçada pela natureza em sentimento, como certos purgantes escondidos em pilulas; que a saudade é, em parte, u'a manifestação sub-consciente de egoísmo... Sim, ele rasgaria aqueles monstros da Verdade, anti-romântica, que lhe sorriam de longe, através dos vidros das estantes, com os dentes de ouro tão muito visíveis na epiderme negra das lombadas! Já se dispunha a isso, quando — oh, determinismo estranho mas providencial das coisas radiofônicas! — a voz de Manoel Barcelos subiu duas oitavas para anunciar o fim do programa-encantamento. E para avisar, materialissimamente, qual uma ducha aplicada na hiper-emotividade do escriba, que aquilo tudo fora unicamente obséquio e patrocínio de uma fábrica de camisetas...

e, sobretudo, incentivando com o seu exemplo de constância e trabalho os que também desejam o engrandecimento do "broadcasting"

brasileiro. Por esses motivos, inscreveremos, hoje, Cesar Ladeira entre os candidatos ao Prêmio Roquette Pinto de 1941.

## RADIO-ATUALIDADES

POR D. M.

PROMOVIDO pelo matutino "O Diário", de Belo Horizonte, acaba de ser encerrado com o maior êxito um concurso para escolha dos três melhores speakers de Minas Gerais. Foram computados mais de 37 mil votos, recaindo as preferências do público ouvinte das Alterosas sobre os locutores Afonso de Castro, Francisco Lessa e Bueno de Rívera, que obtiveram, nesta ordem, as primeiras colocações do certame. Afonso e Bueno pertencem ao quadro da Sociedade Rádio Mineira e Francisco Lessa é o speaker-chefe, discotecário e organizador dos programas de gravações da Inconfidência. Feliz a escolha dos rádio-ouvintes de Minas porque, de fato, os três premiados

são merecedores da distinção que lhes foi conferida.

...

Campos Ribeiro, nosso brilhante colega de imprensa, está redigindo para a Ipanema nada menos de cinco programas literários: — "Boa noite para você", "Relicário", "Vida dos grandes músicos", "Para você sonhar" e "Efemérides sonoras".

...

Ari Barroso convidou Djalma Pimenta e a jazz da PRI-3 para uma temporada radiofônica no Rio e algumas gravações de música popular; na PRE-7 prosseguem as audições sempre interessantes de "Memórias do Rio", em redação do poeta Augusto Elísio; recebemos

e agradecemos o último número de "Única", da Baía, que publica desenvolvida seção radiofônica de Edgard Freitas; a PRE-5 está transmitindo rádio-teatro matutino sob a direção de Gilberto Mendes; Pedro Caldas, outro interessante cantor mineiro, virá ao Rio com o jazz de Pimenta; e o Silvino Neto disse: — "às vezes sou obrigado a ir para não xingar a mim mesmo!"

...

Disse-nos uma ouvinte de rádio, a propósito da "Ave Maria", da PRE-7: — "Como aquele padre é bonito e como canta bem!" O padre é o locutor Julio Louzada e a sua continuação vocalico-musical é o Beniamino Gigli em disco, cantando uma peça sacra...



# SAMBURA radiophonica

COISAS de ARMANDO MIGUEIS

— O livro de cheques...

...

O QUE ELES GOSTAM  
DE LER...

Moreira da Silva — o livro de ponto...

Leonora Amar — o catálogo do telefone...

Orlando Silva — o caderno de apontamentos...

Zé Bacurau — a conta do armazém...

Carlos Galhardo — os bilhetes da Federal...

Francisco Alves — os programas do Jockey...

Chirara Rios — o relógio do táxi...

...

Até sábado, se Deus quiser...

## PREFERENCIAS DE PERRONI.

E' comum aos nossos "astros", quando alguém lhe indaga qual a sua distração predileta, responderem com a maior naturalidade: — E' a leitura.

Foi o que se deu com o Perroni. Colocado "na berlinda" pelo Barbosa Junior, na hora H das perguntas, o Celso, com aquela risadinha cruel, lembrou-se de indagar

do cantor qual o seu divertimento predileto. A resposta não tardou:

— A leitura, Celso.

— E seus autores preferidos? — tornou à carga o locutor. Perroni embateu. Procurando livrá-lo daquela "situação", o "speaker" chefe da Rádio Nacional insistiu:

— Qual o livro que você prefere?

O cantor de "Vigília da lampada", contente com a "saída" do Celso, respondeu triunfante:



1 — Helionice Mourão atua na Rádio Inconfidência como "speaker" de programas noturnos. Trabalhou algum tempo nas estações particulares de Belo Horizonte. 2 — Chirara Rios continua aumentando o seu cartaz de interprete da nossa música popular, ao microfone da PRA-9. 3 — Isaura Garcia, descoberta da Rádio Record de São Paulo, é uma menina que canta sambas e marchas melhor que muitas "estrelas" de cartaz... 4 — Kleber Senna, cantor da Rádio Guanabara, inicia esperançosamente a sua carreira.



Marta Barbosa — Sim: infelizmente, Zolachio Diniz afastou-se do Rádio, em caráter definitivo.

Lia Macedo — Não há mais dúvida a respeito: Armando Louzada e Simone Moraes estão noivos. Está com ciúmes?...

Alvaro de Oliveira — Também acho que o melhor "speaker" de estúdio da Educadora é Attila Nunes, apesar da sua modéstia tão simpática. O "amôr" de Emilinha Borba é Nilton Paz...

Orlandinha — De fato... Mas como soube que Zézé Fonseca é o grande "caso" do "cantor das multidoes"? E' bem curiosa, hein?

Spezzia Batista — Britz Dias? Lamento não poder dar-lhe informações. Não sei se existe alguém com esse nome no Rádio...

M. O. S. — Gastão do Rego Monteiro, segundo dizem, abandonou o Rádio. Seu substituto é o "speaker" Cesar de Alencar. Sim: Oduvaldo Cozzi, Souza Filho e Dilo Guardia são casadinhos da Silva...

Pelo que vejo, é fan dos "speakers", não?

Fan n.º 1 — Dyrcinha está em São Paulo. Se gosta do Carlos Frias? A-pai-xo-na-da-men-te...

Bibliófilo — "Palestras Culturais" é escrito pelo brilhante Eugênio de Figueiredo. Concordo: esse é um dos melhores programas de caráter educativo do nosso Rádio. A PRA-9 está de parabéns.

Carlos Rocha da Silveira — O "Concurso dos Melhores de 42" é uma ampliação do concurso já realizado por FON-FON. O ponto referente aos radiatores (homens e mulheres) não colide com o concurso de Heber de Bôscoli, em "Vanguarda", pois serão distinguidos os diferentes gêneros de interpretação ao microfone. Aliás, quando do primeiro concurso, explicamos ao público que não incluíramos no certamen os atores de Rádio porque só havia duas ou três emissoras com teatro radiofônico. Veja o FON-FON de 11 de junho de 1938 e confirmará o que dizemos.

# PARA QUEM É O RADIO: PARA A ELITE ou PARA AS MASSAS?

## RESPOSTAS DE BERLIET JUNIOR

O entrevistado de hoje é um dos nossos mais talentosos autores de radiatro. A série policial "Defensores da lei", escrita para o "Teatro Sherlock" do veterano "Programa Casé", deu-lhe renome bastante merecido. Criador de tipos humaníssimos, que falam como criaturas reais, Berliet Junior não é só o radiador policial tão festejado: a melhor prova deu-a ele na semana passada, com a bela peça "Maria Helena", interpretada pelo homogêneo elenco do "Teatro pelos Ares" da PRA-9, proporcionando a Cesar Ladeira, Cordélia Ferreira, Tereza Costa e Plácido Ferreira a oportunidade de ciberem admiráveis papéis. Ai vão as respostas de Berliet Junior.

P. — Para quem é o Radio: para a elite ou para as massas?

R. — Para a coletividade sem distinção de classes, devendo ser orientado com um pouco mais de interesse em relação às classes menos cultas.

\*\*\*

P. — O nosso Radio tem programas para a elite?

R. — "Universidade do Ar", da Nacional; "Noites de Ronda" e "Biblioteca do Ar", da Mayrink; "Romance da Semana", da Cruzeiro do Sul; a esmerada programação da Jornal do Brasil; e muitos outros.

\*\*\*

P. — Julga irrealizável uma programação que ao mesmo tempo interesse à elite e às massas?

R. — Não. A vontade, aliada ao fator artístico, responde de forma decisiva a esta pergunta.

\*\*\*

P. — O progresso intelectual do Radio Brasileiro corresponde ao seu progresso material?

R. — Nosso Radio evoluiu de forma admirável, caminhando a largos passos para magníficas realizações. Essa evolução, entretanto, continua dependendo de melhor entendimento entre os diretores das emissoras e o elemento comercial. Melhor compreensão entre ambos contribuirá esplendidamente para o aprimoramento das nossas transmissões.

\*\*\*

P. — Não acha que as emissoras lucrariam (e os ouvintes também) se acada uma delas — ao invés de um diretor-artístico para todos os programas — contasse com varios orientadores responsáveis pela confecção das suas diferentes espécies de programas?

R. — Lucrariam muito. Inclusive: um índice melhor de produção e uma conscienciosa distribuição de valores artísticos.

\*\*\*

P. — Reconhece ser necessária a adoção do "Radiatro" (peças especialmente escritas para o microfone) em contraposição ao "Radio-Teatro" (peças adaptadas para o "broadcasting")?

R. — Acho mais fácil conceber que copiar. Portanto, em sã consciência, opino a favor das peças especialmente escritas para Radio.

\*\*\*

P. — Que pensa dos adjetivos conferidos pelos "speakers" aos artistas radiofônicos?

R. — Desperdício criminoso de energia elétrica... Resultado: sorrisos penalizados de ouvintes sensatos.

\*\*\*

P. — Como encara a orientação das fábricas de discos, em face da nossa verdadeira música popular e da educação artística do povo?

R. — Os responsáveis pelas nossas fábricas de discos deveriam esforçar-se por melhor escolha de letras e melodias, encarando com rigor os versos, pobres de inspiração e às vezes de moral duvidosa, inconvenientes que contribuem para a deseducação artística da nossa gente.

\*\*\*

P. — Haverá um meio de tornar a publicidade radiofônica mais interessante para o ouvinte e mais eficiente para o anunciante?

R. — Talvez o consigam redatores competentes, que dêem menos ênfase e pedantismo aos textos. Os locutores, por sua vez, contribuiriam com o possível, apresentando a publicidade com um pouco mais de elegância.

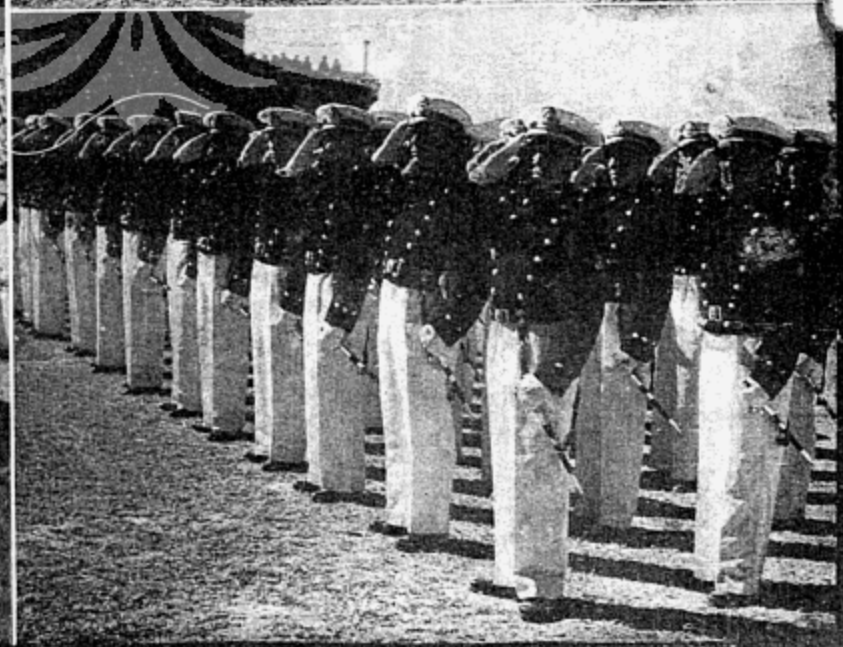
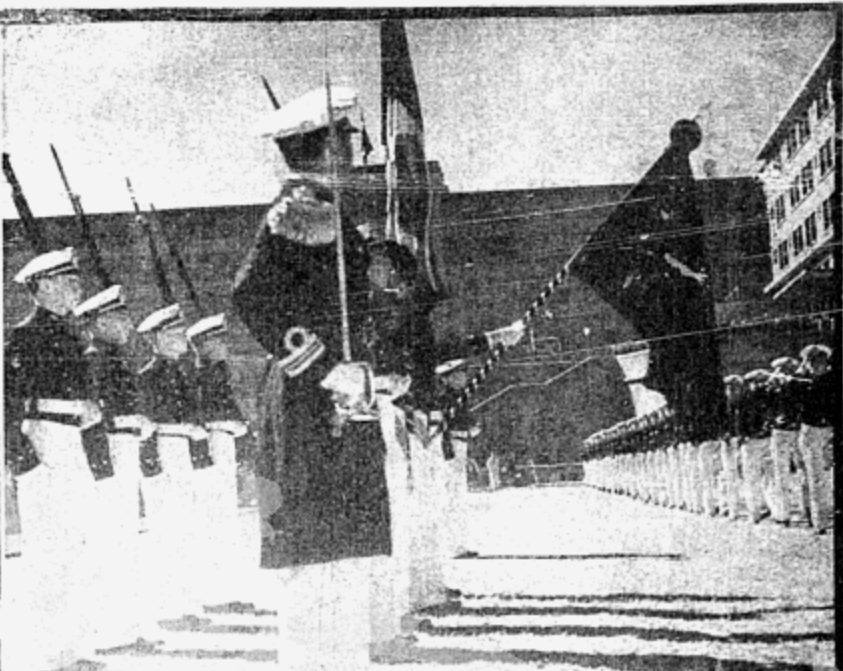
\*\*\*

P. — Julga de interesse duradouro os programas feitos com a colaboração direta do auditório? Quais a diretriz que devem ter esses chamados "programas de auditório", para o agrado simultâneo dos ouvintes que nêles tomam parte e de quêles que os escutam de casa?

R. — Sim, com uma diretriz educativa, através de um processo recreativo interessante, que prenda toda a atenção do auditório presente e agrade sempre ao imenso auditório invisível: "Enciclopédia Popular", de Alziro Zarur; e, quando aproveitar a colaboração do auditório, "A vida em perguntas e respostas", de Genolino Amado.



Berliet Junior



**11 DE  
JUNHO**

ESTE ano, como nos anteriores, a data máxima da Marinha de Guerra Brasileira foi festivamente comemorada, pelas autoridades civis e militares e pelo povo, que, em frente à estatua do Almirante Barroso, prestaram, ao herói de Riachuelo, as homenagens de que é merecedor. Nosso «cliché focaliza aspéctos tomados junto ao monumento da praia do Russell e na Escola Naval, onde o almirante Vieira de Mello, diretor do Ensino Naval, em companhia do almirante Alberto Lemos Bastos, diretor da Escola, passaram em revista os aspirantes e guardas-marinha.

## O CARTAZ DA SEMANA...

**ESTES** dias claros, de céu azul e temperatura gostosa, fria e seca, facilitaram, decerças, a parada de elegância que tem sido a vida ordinária da cidade. Não se veem, quasi, vestidos para meia-estação, o que é pena. A maioria é mesmo dos extremos: ou "short" ou casacos... Estamos na vez dos casacos. Como tudo vai, sempre, muito bem na mulher carioca, a gente olha e não vê senão a elegância das linhas... No "grill" neste ou naquele bar, escondidas atrás das vidraças, nos cinemas, nos ônibus ou nos automóveis numa fugida à cidade do princípio do século representada na Colombo ou na Lalé, elas aparecem lindas, enfeitando tudo com a sua graça infinita... E se a nossa certeza perde muito, resta-nos a compensação amável da curiosidade insatisfeita que levou alguém a chamar, à mulher vestida, de um ponto de interrogação enrolado em seda...

**EM** sua residência, à Avenida Copacabana, num ambiente de grande cordialidade e fina distinção, o casal Dulce Pinheiro Machado, ministro, interino, do Trabalho, ofereceu, na noite de segunda-feira passada, um jantar ao Chefe da Missão Militar Norte-Americana e senhora, general Lehman W. Miller, com a presença de varias figuras da sociedade, entre as quais foram notados o coronel Douglas H. Gillette, daquela Missão, senhor e senhora conselheiro Mario Moreira da Silva, conselheiro Manoel Pio Correia Junior e senhora Marieta Pinheiro Machado. Aos seus gentílicos convidados o casal Pinheiro Machado comulou de especiais atenções.

**COMO** sempre se acontecer, a ultima reunião do Comité Britânico, realizada na passada quarta-feira, compareceram destacadas figuras da nossa sociedade e do corpo diplomático acreditado junto ao governo brasileiro. Lá estiveram, para fazer apenas um rápido e superficial balanço, as seguintes pessoas gradas: Sra. Jefferson Cafferly, embaixatriz dos Estados Unidos; sra. Jorge Prado, embaixatriz do Perú;

embaixatriz Lucio Bueno; sra. Tadeu Skowronski, ministra da Polónia; sra. Ministro da Holanda; sra. Pontes; sra. Carlos Guille; sra. Otavio Simons; Baronesa do Bonfim; sra. Pinheiro Guimarães; senhora Wilson John; sra. F. Sampaio.

Os momentos gastos na benemérita obra de assistência a que se entrega o comité são largamente compensados pelo fim humanitário da campanha e pelo alto mundanismo de que sempre se revestem por encanto dos seus frequentadores.

**"O homem das mil e uma idéias"** tão ansiosamente esperado pelos frequentadores do Palácio Encantado do Posto 6, estreou na noite de 6ª-feira, com grande sucesso.

Seus números, de grande efeito, realmente, podem ser considerados como um dos mais sensacionais da temporada em curso nos poderá proporcionar.

**ESTREOU**, sexta-feira, com muito éxito, no Casino Copacabana, o celebre instrumentista de "jazz" norte-americano, Eddy Duchin e as famosas bailarinas "Abbots Dancers" que constituem a "great attraction" da estação, no momento.

**DEZ** e meia, mais ou menos, de uma noite tranquila. Agitado, ele andava, pelo "hall" do casino, ensaiando aquele dialogo que logo estabelecerla com ela pelo telefone da portaria...

— Como então você pede para eu ligar às 8 horas e planta-se no telefone durante duas horas e quinze, ouviu, duas horas e quinze...?

— ?  
— Não é possível? Pergunte, se quiser, à secção de concertos se não reclamaram umas dez vezes, nestas duas horas, providencias urgentes para o aparelho 38... Para que você não pense que sou imbecil digitei-lhe apenas que o seu aparelho estava ligado... o que



me faz ficar farto de você. Aliás, não vou aí, agora, resolver essa parada porque receio perder a cabeça... Pelo telefone, por mais que me exalte, ainda posso exercer o controle dos meus nervos, compreende?

— ?

— Tudo acabado? Não quer mais? Mas não é isso que eu estou pedindo... Olhe: precisamos falar com mais calma. Logo, ligarei novamente. Depois, sim, você fará o que quiser...

Bem diz'a o velho e saudoso "D. Quixote":  
*o amor não olha respeito nem guarda razões em suas palavras...*

**H**A criaturas que irradiam uma tamanha simpatia que a gente gosta delas sem mesmo saber por que. Aquela, é uma delas, sem dúvida. Desde a vez primeira em que ele a viu — e há muito tempo já — que nunca mais a encontrou sem o sentimento uma sensação agradável. Assim foi naquela manhã em que ela tomou o ônibus, indistintamente, por curiosa coincidência, no mesmo lance em que ele vinha lendo um livro qualquer... E tal foi a sua alegria de tê-la, embora por momentos apenas, bem perto de si, que não resistiu em lhe propor um encontro. Temendo uma recusa formal, empunhou a caneta e escreveu, como se estivesse anotando qualquer coisa sobre o livro que lia: Telefone, se lhe agrada, para (escreva um número que eu não conseguí ler) e chame por... Se não quiser, é a mesma coisa. Mas fique sabendo que eu gosto de você." Curiosa maneira de fazer declarações amorosas, vocês não acham? Curiosa e única...

**A**PESAR-DA sua impressão de que voltará um dia, por mais remoto que esse dia pareça, à vida dele, que a deixou partir sem tentar um gesto para retê-la ou uma palavra para dissuadi-la de se ir embora, sem destino e sem motivos, a verdade é que isso não poderá acontecer nunca, nunca, por varios motivos. La Rochefoucauld disse, uma vez, com a sua luminosa intuição, ser "impossível amar de novo o que verdadeiramente se deixou de amar". Ninguém pode saber se ela o deixou de amar, se chegou mesmo a amá-lo algum dia... Como quer que seja a verdade é que tudo indica o contrario, isto é, que o seu coração não se fez para o amor... E, pensando bem, a sua felicidade reside justamente nisso, na liberdade do seu coração... Será, que depois que essa liberdade se positivou, invadindo-lhe o corpo inteiro, ela chegou à dolorosa conclusão de que tudo no mundo não vale a pena de viver? Se assim foi, a volta será, realmente, a melhor maneira de envenenar a sua vida... E a vida dele, também, está claro.

EU...

diretor e intérprete principal da sua querida companhia de comédias, deixando lá no Rival o "Nhônô" boavida, procura, também, viver a vida boa... Copacabana, sempre foi um dos seus recantos preferidos. Ouvi-o, portanto, sobre a nova Cidade seria interessante. E foi, como se verá:

- Copacabana, que impressão lhe dá?
- Um paraíso... infernal!
- Que falta a Copacabana?
- Um teatro, ou melhor, uma "Pensão de D. Stela"...



#### FALA O BANHISTA...

**ENTRE** os atores nacionais da mais larga projeção, Jaime Costa — que é, de fato, um grande ator — sempre se distinguiu pelo arrojo das suas iniciativas como empresário... Começou o seu serviço com aquele cartaz enorme que fez colocar ao lado do palco em que trabalha: "Este teatro não tem claque, se gostar do espetáculo, aplauda, se não gostar, vale ou sapateie. Qualquer manifestação do público será bem recebida e acatada por todos nós." São esses os dizeres, se não me falha a memória. Ora, isso vale como um desafio... Ele, porém, tem ido mais longe: descobriu um porção de autores novos e continuou o serviço por um novo teatro. Até agora tem vencido, contra tudo e contra todos. Já está o êxito, impar no ano, da "Pensão de D. Stela", — prêmio do S.N.T. — com as suas duzentas representações consecutivas! Para que mais? Jaime Costa, despidendo as funções de

# Copacabana

...a de melhor para uma moça, de educação apri-  
a saúde vigorosa e um espírito forte, dentro de  
ante desenvolvido? Não será a este conjunto  
de beleza feminina?

Al se acham enumerados os maiores predicados  
as cores não se conseguem facilmente, ou antes  
as mulheres de outrora.

...mes, em que a mulher se apresenta como leal  
a todas as atividades humanas, necessária se  
a, também, do corpo, pois a fraqueza não pode  
espírito e o dinamismo da vida moderna requer  
as funções orgânicas, para não vivermos à mar-

essa era, Juvenal, referiu-se às mulheres, assim  
as mulheres são atormentadas pelo desejo de  
a mulher atual abandonou esta preocupação?

er-lhes, fornecendo os meios de resolver a ques-  
mulheres desde a época de Juvenal? Sim, com  
palavras: Educação física.

...cora decorrem naturalmente do desenvolvimento  
quando Herbert, as maiores aspirações da mulher,  
ra não é a languidez mórbida. A palidez e a fra-  
ão atributos da mulher bela. A educação física,  
da, não retira da mulher a beleza nem a graça,  
põe em evidência a harmonia das suas formas.

de física, a mulher tem sempre a tristeza de ver  
sociedade, constatar que a sua beleza foi efêmera  
e aproximou da doença.

...za, harmonia de formas, serão os predicados  
na E. N. E. F. D. vive ao ar livre, seguindo  
métodos da educação física feminina.



# Nacional de Educação Física





Roberto José, filho  
do casal dr. Jorge  
Araújo.

Carlos Fernando, fi-  
lho do casal major  
João Pereira Blan-  
co-d. Maria Dália  
de Carvalho Blanco.

# crianças

FON - FON

28 - 6 - 1941

— 48 —

Sandra Maria, filha  
do casal Henrique  
Diniz-d. Maria de  
Oliveira Diniz.

Carlos Eduardo,  
filho do casal Carlos  
Guinle Filho.





# DULCINA no CINEMA

CONFORME «Fon-Fon» teve a primazia de noticiar, há meses, ao publicar cenas do filme estrelado por Dulcina Moraes, «24 horas de Sonho» deverá aparecer nos primeiros dias de julho.

Satisfazendo, em parte, a grande curiosidade reinante em torno do aparecimento da nova «estrela» do cinema brasileiro — que é por sinal a primeira figura feminina do nosso teatro — damos, hoje, novas cenas do celuloide feito por Chianco de Garcia, com argumento de Jeracy Camargo.

Ao lado de Dulcina e Odilon, veremos um «cast» escolhido, onde repontam artistas consagrados como Conchita, Atila, Aristoteles, Laura Soarez, Oscarito, Sadi Cabral, Jorge Diniz e outros.





**D**A-NOS o cinema, pela primeira vez, um par de bons, de excelentes artistas, que nos têm empolgado em papéis difíceis de dramas da vida, fazendo agora comédia, mas comédia de verdade, comédia-comédia, com situações cômicas que fazem as salas ecoarem com o gargalhar contínuo. Tal a posição criada, agora, para Bárbara Stanwyck e Henry Fonda, por Preston Sturges, o diretor artístico da Paramount. Eles são os heróis de *"As três noites de Eva"*.

Bárbara é, aqui, a Eva, filha de um jogador e trapaceiro, vivendo com o pai a bordo dos "liners" que cruzam o oceano, mas vivendo dos incautos e papalvos que podem explorar com os "flushes" e os "full-hands". E foi assim que ela encontrou Fonda, fazendo o papel de estudioso que vem da África, mas estudioso filho de milionário americano... Aplicam-lhe os métodos; mas não contava Bárbara vir a se apaixonar, e contava menos ainda que ele viesse a des-

sobrir quem ela era, pelo que se afastou. Mas Eva não se retira do campo da luta... E aí-la, em Nova York, a pregar partidas umas sobre as outras, e todas sobre o nosso herói. E, então, que vemos? Cena em que não superaríamos capazes de ver uma Bárbara Stanwyck e um Henry Fonda! Cenas hilariantes, em que cada aparição de Henry é um tombo no certo, mas tombo daqueles que tornam crítica e cômica a posição do indivíduo — e tudo preparado por ela. E o filme de Preston Sturges corre todo ele assim, cheio de verve, de momento em que só há alegria e gargalhar. Dizem os críticos americanos que tanto a sra. Robert Taylor como Henry Fonda se portaram maravilhosamente bem no novo gênero que lhes deram. Em *"As três noites de Eva"* aparecem, ainda, dando maior força à comédia, Eugene Pallette, Charles Coburn, William Demarest e Eric Blore.



*As 3 Noites de Eva*

## NOTAS DE ARTE

(Continuação)

quando se realizava ao ar livre concorridíssima cerimonia religiosa, de que participavam muitos frequentadores de sarões e vespereais de arte, contribuiu bastante para que o numero de ouvintes não correspondesse ao valor incomum da interpretação. Isso, porém, não diminuiu a perfeição com que executou todos os numeros, mostrando mais uma vez que a grande pequena-pianista de 1926 — assim lhe chamamos então ("Fon-Fon" n. 1 de 21/1926) é hoje em 1941, uma pianista de escol, das mais notáveis pianistas brasileiras, e, a julgar pelas criticas platinas, das maiores da America Latina.

**FELICIA BLUMENTAL.** — Em audição prévia, oferecida á imprensa e sob o patrocínio de "O Globo", apresentou-se ao público carioca na noite de Jovieda, 5<sup>a</sup>-f., 19 do corrente, no salão-nobre do Instituto Nacional de Musica, a pianista poloneza Felicia Blumental, pertencente a uma familia de músicos e de nomeada na sua tão grande quanto infeliz patria. Ouvimo-la em os números deste programa, alem de tres ou quatro extras: I) SCARLATTI-TAUSIG — *Pastorale e Capriccio*; PADRE ANTONIO SOLER (1729) — 2 *Sonatas*: a) *dó sustenido maior*, b) *ré maior*; BEETHOVEN — 32 *Variaciones en dó sustenido menor*; II) CHOPIN — *Nocturno* op. 27, n. 2; 2 *Mazurcas*: op. 30, n. 4 e op. 67, n. 4; *Valsa* op. 64, n. 2; *Scherzo em dó sustenido menor*; III) KABALEWSKI — *Sonatina*; SOSCHTAKOWISCH — *Poltka*; MONWISKO-MELCHER — *La Filieuse*; ITIBERÉ DA CUNHA — *Prelude*; VILLA-LOBOS — *Polichinelo*;

Apesar de certo nervosismo inicial, a pianista revelou-se imediatamente notavel artista do teclado. Em todas as execuções, a par da tecnica invulgar sobressaiu a sensibilidade radiante da intérprete. Quaisquer que sejam as restrições a se lhe fazem quanto á elegancia, ao equilibrio, ás qualidades de sentimento expressivo do seu tocar, o certo é que em tudo sempre sobrasa a alma inquieta da artista aniciando por transmitir as emoções que ela propria experimenta através de cada composição. Sentindo tumultuariamente o que toca, transmite-o tambem com tumulto, mas o faz sem infringir essencialmente as regras da arte; realza a ordem com a desordem musical. Dá-nos por isso original impressão de beleza.

Entre todas as peças ouvidas, são de assinalar-se distintamente dois primores interpretativos: *Pastorale e Capriccio* de Scarlatti e *Scherzo* de Chopin. O poemeto de Scarlatti pareceu-nos executado por uma cravista, tal a perfeição com que a executante traduziu

(Conclue nag. 53)

**PELE JUVENIL  
DE BELEZA**

*impecável*





No Rio,  
S. Paulo  
e Santos

**6\$**

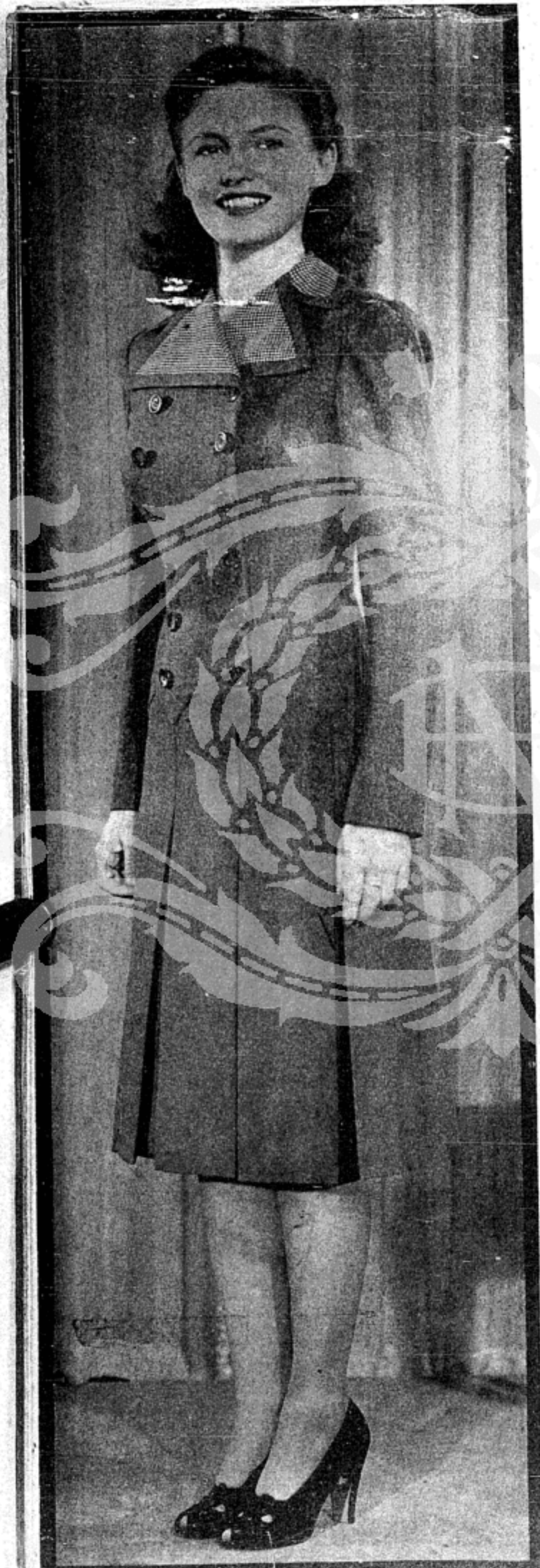
● Experimentado previamente por centenas de damas brasileiras, que o receberam com entusiasmo, o Leite Hinds é uma criação admirável para a limpeza da pele. Refresca, suaviza e protege a cutis, combate espinhas, cravos e outras imperfeições. É aconselhado como desodorante. É de aplicação rápida e simples. E é também excelente base para o pó de arroz. Use-o, para maior realce da sua beleza.

Leite

hinds

NOVA YORK — RIO

Ouça o Programa BARCAROLA,  
de 2 a 6.ª feira, ás 14 horas  
— Rádio Mayrink Veiga - Rio  
— Rádio Cultura - São Paulo



## EU E TU

Seremos eu e tu. Unicamente.  
Para nós, nisso, o mundo se resume.  
Eu e tu, meu amor, já se presume  
que é passado, futuro e que é presente.

Tu e eu. Tudo o mais é indiferente.  
Tudo o que hoje existir, ou vier a lume,  
não partindo de nós, querida, assume,  
aspecto de impreciso e inexistente.

Eu e tu. O universo gira, inteiro,  
sobre esse eixo constante e imensurável  
Eu e tu são o último e o primeiro.

Por que destino superior e santo,  
eu e tu, meu amor, no mundo instável,  
sendo só eu e tu, valem tanto?

HAMILTON BLA

## NOSSA CAPA

⇒ Molde "TOUTEMODE" Reg. nº 3759



WANDY BARRIE oferece hoje um singular modelo para as amadoras dos esportes. A blusa é talhada em estilo camisa, e ajustada à cintura com penses; a saia enviezada e as mangas amplas, unidas ao pulso com um punho. Executado em crepe branco, completado com cordão em volta da cintura e botões de galalite azul, forma um belo conjunto.

As Academias "Toutemodé" executam moldes por qualquer figurino ao preço de 5\$000. Os modelos publicados por FON-FON gozam de um abatimento de 50 %, isto é: 2\$500. (Pelo correio 3\$000.) Envie o coupon anexo, com as suas medidas, e obterá um molde talhado com primor.

## O Modelo da Semana

JOAN LESLIE, da Warner Bros, oferece às leitoras de FON-FON este interessante modelo, indubitavelmente de grande originalidade e muito próprio para a presente estação.

## NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

estilo personalíssimo do mestre italiano, numa obra escrita originariamente para o cravo e apenas transcrita para piano. O de Chopin, a obra-prima de todas as execuções. Sublimou-se o genio pianístico da intérprete. Felícia Blumenthal deslumbrou e encantou, interpretando com arte ímpar um dos mais belos dramas musicais, que são, apesar do seu nome e da sua forma, os *Scherzos* do "poeta do piano". Produziu-nos e ao auditorio então o frison das mais raras e inesquecíveis emoções. Bastava essa interpretação excepcional, para dar a medida do alto valor da artista, colocando-a no rol, sinão das maximas, das grandes musas do teclado, que temos ouvido e aplaudido.

O numero e o fervor das ovações correspondeu à valla da artista. Chamada e rechamada varias vezes ao tablado tocou ainda numeros varios que lhe valeram mais numerosos e entusiasticos aplausos.

OSCAR D'ALVA

## A MAIS ANTIGA DAS ARTES

O homem das cavernas esculpia e pintava. Antes dessas manifestações artísticas, porém, a escultura e a pintura sobre o corpo humano, isto é, a arte da maquiagem feminina, já existia, desde que houve o homem e, diante dele, desejosa de conquistá-lo, a mulher.

As escavações arqueológicas mostram constantemente a que variados meios recorria a mulher para se embelezar. Nos sarcófagos egípcios encontra-se, com as múmias de rainhas e de damas ilustres, todo o instrumental então usado. Unguentos à base de antimônio para as pálpebras, oleos e preparados para os cabelos, perfumes e incensos. E tudo com a indicação para o uso, em hieroglíficos explicativos. Sem falar que, já naquelas épocas, se usava pintar os cabelos. A rainha egípcia Hatliou foi encontrada com os cabelos louros.

Vê-se aí que a preocupação com a beleza pessoal feminina é das mais antigas. E das mais justas... E mesmo na antiguidade, o banho e a limpeza do rosto com água e sabão, já eram compreendidos. Os gregos e os romanos cultivaram-nos com carinho. De fato, esse é o capítulo número um da higiene pessoal: a beleza através da limpeza, que exige, porém, sabonetes de extrema pureza, como o Gessy, que é feito de preciosos óleos da nossa flora.

*E nunca*

LHE FALTARÃO ADMIRADORES...



Proteja a beleza de sua cutis com o uso constante do Sabonete Gessy. Feito de puríssimos óleos da flora brasileira e perfumado com um fino "bouquet" de essências naturais, Gessy remove a maquiagem e os resíduos cutâneos, limpa e desobstrue os poros, sem afetar as funções vitais da pele. Gessy é econômico porque produz muita espuma e rende mais.

SABONETE  
**GESSY**



UM  
\$500

Divirta-se, ouvindo o programa Gessy com Nhã Tetico, todos os dias, de 2.ª a 6.ª feira, através da Rádio Mayrink Veiga (Rio), às 19. rs., e da Rádio Cultura (S. Paulo), às 18.30 e 22.15

SUAVE E PERFUMADO ATÉ O FIM



A festejada cantora patricia Leticia de Figueiredo, ornamento da sociedade carioca e figura destacada dos nossos meios musicais, foi a gentil interprete do recital de música argentina, de carater popular, que a Associação de Artistas Brasileiros levou a efeito na Escola Nacional de Musica. O êxito desse lindo festival foi completo, constituindo mais uma vitoria magnifica da arte sugestiva, inspirada e cheia de encanto da brilhante cantora e musicista patricia que recebeu os mais calerosos aplausos da seleta assistencia que a ouviu.



Bibi Ferreira e Paulo Magalhães, «estrela» e autor de «A cigana me enganou», a comedia que a Companhia Procopio Ferreira está representando, no Teatro Ser-rador, com sucesso sensacional.



Aspecto do ali.togo que o interventor do Pará e o presidente da Associação Comercial ofereceram aos amigos da «hevea brasiliensis», no momento em que falava o academico Oswaldo Orico, vendo-se, entre o dr. Quirino de Mo-raes e Ary Kerner, o presidente daquela Associação paraense.

PERFUME

# Harpa

de GALLY

COLONIA  
Nº 1800  
1802-F

LOÇÃO  
Nº 1820

EXTRATO  
Nº 1810

Persistente como a saudade  
Agradavel como a musica.  
Voluptuoso como o amor!

T. TARGUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL



O  
NOVO  
BISPO  
DE  
BOMFIM

REALIZOU-SE na Catedral Metropolitana, sob a presidência de sua eminência o cardeal d. Sebastião Leme, a cerimônia da sagração de d. frei Henrique Golland Trindade, novo bispo de Bomfim, na Baía. Altas figuras do clero, representações de ordens, irmandades e associações religiosas, companheiros de hábito do novo prelado e pessoas gradas assistiram à expressiva solenidade, de que o nosso «clichê» focaliza dois aspectos, vendo-se num deles, o cardeal d. Sebastião Leme.



# Não Descuide Uma Tosse ou Um Resfriado

Perigosas enfermidades que põem em perigo a saúde e a vida, começam por uma simples tosse ou resfriado. Estes males, embora pareçam sem importância, devem ser tratados com todo o cuidado para que não se agravem de maneira a causar sérios aborrecimentos. Todas as afecções do aparelho respiratório, uma simples gripe, bronchite ou resfriado, precisam de um remédio rápido e eficaz. O Xarope São João é o indicado para estes casos. É um remédio de sabor agradável, para moços, velhos e crianças.

## Xarope São João

Lab. Alvim & Freitas — São Paulo

## BRASIL DOS NOSSOS DIAS

Rio. — D. I. P.

**E**STE volume encerra a visão panorâmica do Brasil dos nossos dias, governado pelo patriotismo elevado do Presidente Vargas, a singular figura de estadista que honra a América, numa afirmação decidida dos seus gloriosos destinos. Não é lícito desconhecer, agora que o Estado Novo é a resultante de um imperativo histórico admiravelmente aproveitado pelo Presidente Getúlio Vargas e que, ao ser fundado, teve o apoio incondicional das forças armadas e do povo. Homem de energia inquebrantável,



Mais dois jovens, pertencentes à alta sociedade sergipana, acabam de contrair casamento. Trata-se do sr. Tercencio Roberto de Carvalho Neto, da Administração do conhecido respeitino "A Notícia", que contraiu casamento com a senhorita Clara Prata, gracioso ornamento da sociedade de Anápolis, em Sergipe, onde se destaca pelos seus dotes de educação e fidalguia, aliados ao prestígio da tradicional família a que pertence.



Getúlio Vargas sentiu a necessidade de salvar o Brasil do caos político, e não hesitou um instante em fundar o Estado Novo, cujas diretrizes marcantes seguem o seu rumo, para o bem da nação. A obra já realizada aí está, e não pode ser negada. Ergue-se o Brasil na posse de si mesmo, e para tanto bastou apenas a prática de um nacionalismo sadio, que deu a conhecer ao brasileiro toda a exuberância da sua força.

A nação que trabalha, prestigiando o seu grande Presidente, colhe os frutos da política nova e marcha feliz num ambiente de paz absoluta.

O presente volume concretiza a ação do Estado Novo, ação que está nos diversos capítulos que enumeramos: A Nação e o Exército; O culto do passado; O Estado e a cultura; O Município fundamento da realidade brasileira; Reconstrução do Estado; A saúde do povo, problema do Estado; A renovação da administração; O Código de Minas e a riqueza do nosso subsolo; A defesa das fronteiras; A nacionalidade brasileira; As leis sociais; A arte e o regime; Dar terra aos brasileiros; A renovação do processo histórico brasileiro; O processo de elaboração legislativa e A Constituição de novembro.

MARIO POPPE

LEIAM os romances de "FON FON", que se encontram à venda na Empresa "Fon-Fon" e "Selecta" S. A., à rua da Assembleia, 62.



**FRANCISCO LOPES**, que é herdeiro do nome de um brilhante poeta — José Lopes — acaba de publicar o seu primeiro livro de versos, sob o título despretensioso de — "Recordações". Mas, neste volume, encontramos o desabrochar de um formoso talento poético. Como se pode prever, Francisco Lopes nos conta, nessas páginas gelpitantes de emoção — e na linguagem melodiosa dos seus poemas — toda a história sentimental de sua vida. O que torna, portanto, o seu livro particularmente impressionante, é o seu tom de sinceridade pungida.

## O Laboratório Nacional de Análises e o Óleo de Fígado de Bacalhau.

O caso do óleo de fígado de bacalhau tem abalado a opinião pública. Varias vezes os jornais têm noticiado falsificação e por isso o público se enche de desconfiança ao adquirir este produto.

Ultimamente, Scott & Browne, Inc. of Brasil receberam uma partida de óleo de fígado de bacalhau para a venda ao público e para fabricação dos seus produtos *Emulsão de Scott e Unguento de Scott*.

Assim sendo a fiscalização da Alfândega pediu análise do produto, tendo o Laboratório Nacional de Análise se manifestado nos seguintes termos:

"(Armas de República) — Ministério da Fazenda. Laboratório Nacional de Análises. — Recebido em 4 de Dezembro de 1940. Parecer em 23 de Janeiro de 1941. Análise 112 — Visto. O Diretor — Galvão Ramos. Resultado da análise procedida na amostra que acompanhou a representação número 51.305 — do Sr. Jugurtha Couto, datada de 29 de Novembro de 1940, dirigida ao Snr. Inspetor da Alfândega do Rio de Janeiro e enviada a este Laboratório. Esta amostra veio contida em um frasco de vidro trazendo os seguintes dizeres manuscritos, "Representação número 51.305 de 1940. Amostra. Despacho número 69.046 de 1940. Scott & Bowne, Inc. of Brasil. Armazem quatro. 29 de Novembro de 1940. Jugurtha Couto. A análise demonstrou que a referida amostra representada por líquido amarelo, de cheiro especial, é de óleo de fígado de bacalhau. Rio de Janeiro, 25 de Janeiro de 1941. Assinado: — Dolly E. S. Ribeiro Rosa, técnico de laboratório, interina".

Nenhuma outra prova é mais categórica e oportuna que esta certidão.

Resta apenas o consumidor, para sua segurança, exigir o produto de sua confiança, que é garantido pela famosa marca do "homem com o bacalhau às costas".

## Dos 17 aos 45... cada mulher recebe 40.880 beijos



Sempre recebem mais beijos as que usam BATON COLGATE...



É natural! São sempre mais beijáveis os lábios que o Baton Colgate torna maravilhosamente expressivos, cheios de vida e encantos! O Baton Colgate dá uma magica apparencia de mocidade... e irresistivel sedução! Sabe por que? Porque o Baton Colgate é feito de Karanuva, o sensacional emolliente embelezador dos lábios!



Torne os seus lábios beijáveis... dê-lhes uma cor viva e attrahente, com Baton Colgate. Procure-o hoje... e não deixe de experimentar a nova e sensacional cor que está em moda: Vermelho Amazonas, de Baton Colgate.



IMPORTANTE! Assim como um grão de arroz cresce na água, as suas partículas dilatam-se também com a humidade da pelle, provocando a dilatação dos poros. O novo pó para rosto COLGATE finissimo e delicadamente perfumado, não contém uma só particula de arroz.

Grande  
3\$500  
Medio  
2\$500

Colgate

## BATON COLGATE

pela manhã

use  
**LOÇÃO XAMBÚ**  
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS  
VOLTAM A SUA COR NATURAL  
ELIMINA A CASPA EXITO GARANTIDO

# FON FON

## *Feminino*

Desenhos de

## DIREÇÃO DE HÉLÈNE

Interessante modelo para os dias frios, à guisa de "deux-pièces", feito em fina lã ou jersey de lã negro, debruado com cadarço de seda preto. Botões cobertos da mesma lã.

Bonito chapéu de antilope verde-claro com bonito ramo de flores dos vários tons bem combinados, complemento de uma "toilette" para a noite.

Variações do primeiro modelo, com farto réu de seda que amarra sob o queixo. Ainda como ornamento deste mesmo chapéu superimos duas grandes penas de cores vivas.



Vestido de seda fosca e leve, mar-  
ron-ferrugem. Saia tendo na frente  
um grupo de franzidos que lhe dá  
amplitude. Pequena pala na fren-  
te do corpo. Gola esporte e botões  
cobertos da mesma seda.

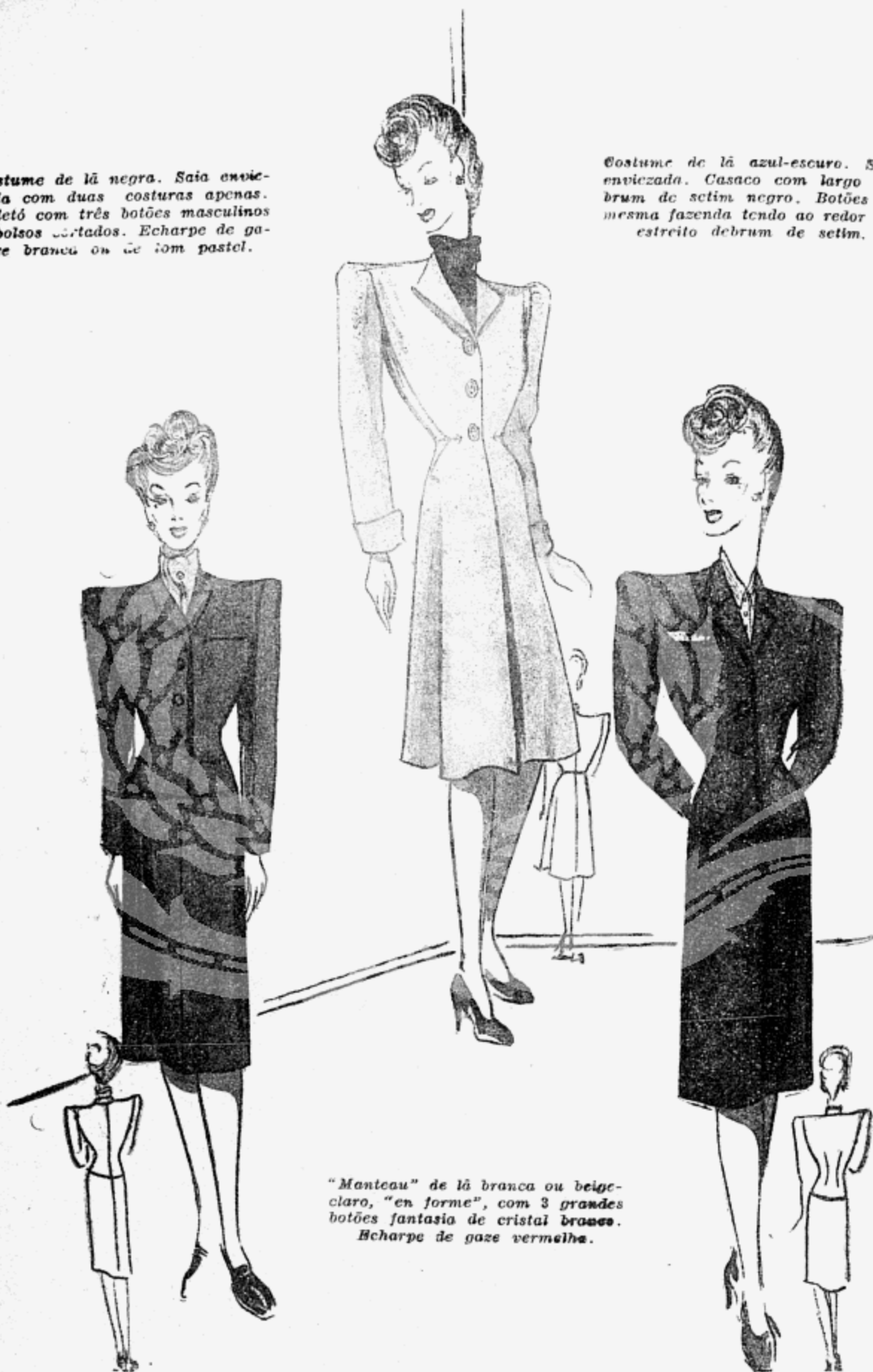
Modelo para execução em jersey  
de lã verde-escura. Grupos pre-  
guiçosos na frente do corpo e da  
saia. Gola de fustão de algodão  
branco, engomado.



Gracioso costume de lã de dois  
tons contrastantes: marron e ver-  
de pistache, preto e azul-pastel, ou  
"bordeaux" e côr de areia. Blusi-  
nha de seda branca com pastilhas  
no tom da saia.

Costume de lã negra. Saia en-  
viada com duas costuras apenas.  
Paletó com três botões masculinos  
e bolsos cortados. Echarpe de ga-  
ze branca ou de tom pastel.

Costume de lã azul-escuro. Saia  
enviezada. Casaco com largo de-  
brum de setim negro. Botões da  
mesma fazenda tendo ao redor um  
estrito debrum de setim.



"Manteau" de lã branca ou bege-  
claro, "en forme", com 3 grandes  
botões fantasia de cristal brancos.  
Echarpe de gaze vermelha.

Bonito pijama de seda azul-hortensia com leveiro bordado na gola e nos bolsos.

"Robe-manteau" d. "faillé" cereja. Saia formando fartos "godets", presa acima da cintura. Corpo ligeiramente franzido na frente e costas. Barra da manga e do "robe-manteau" com duplo vizez terminando com estreito "roulonté".



Graciosa camisola de setim-"lingerie" azul-acinzentado. Pala reta prendendo franzido na frente e costas. Saia enviezada e mangas "boufants".



Para as noites frias, interessante camisola e capuz de finíssima flanela estampada de fundo claro. Guarnições de estreitos babadinhos plissados de seda no tom do fundo.

## DEIXE-ME LER SUA MÃO...

(Conclusão)

resses secretos. E creio que é por isso que dificilmente as minhas revelações se deixam de realizar. Com desgosto, ouço amigos me dizerem. "Infelizmente, tudo o que você me disse o ano passado, se verificou com a maior exatidão."

Sugestão? Impressionabilidade, apenas? Não sei. Isso é o que me dizem muitos.

4.º — Sinto, no entanto, que se eu comercializasse essas predições, deixaria de ser exato ou me tornaria suspeito. Porque o dinheiro, se não perverte, anula um pouco a liberdade da consciência.

Não tendo interesse em agradar os meus clientes, eu me sinto perfeitamente à vontade para ser franco, exato, imparcial, — e exigir (no terreno moral, é claro) que o interessado saiba ser grato, na razão direta do valor do obséquio recebido.

Eis por que não desejo ser considerado quiromante...

NENA (S. Paulo). — Escreva v. ex., no seu bilhete:

"Snr. Yves. Saudações. Desejando saber algo de minha vida, futura, envie-me as minhas impressões palmares e peça-me o grande favor de estudá-las si as mesmas se prestarem.

Aguardando sua resposta envie-me os meus agradecimentos.

Pode usar o pseudônimo — Nena".

As suas impressões (com 5 cedilha, "D. Nena") são dois borrões.

Se me fornecer outras melhores farei o que me pede.

SAUDADE (Baía). — Aqui vai a sua missiva:

"Saudade" (Est. da Baía). Sr. Yves. Sempre desejei escrever-lhe, e também enviar-lhe minhas impressões palmares.

Acompanho há muito, "Deixe-me ler sua mão". O Sr. é tão franco; gosto de ler as suas respostas. Tenho um grande desejo de saber o que revelam as linhas das minhas mãos.

Se não é exigir muito de sua bondade. Julgo que ficaram pessimas mas conto com sua boa vontade.

Infinitamente grata. — Saudade".

Antes de tudo: as suas provas são dois borrões. Não se prestam a estudo.



A de sua cabeça!... Ninguém é mais jovem que seus próprios cabelos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cincoenta!...

Uma fricção diária com TRICÓFERO DE BARRY, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infancia á velhice — TRICÓFERO DE BARRY é recommendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

**Tricófero de BARRY**

Direi, no entanto, que, pelo seu caráter, terá dificuldades em vencer.

Vejo que é uma criatura inclinada aos atos de natureza puramente material, devorada por sentimentos secundários.

Junte-se a isso, o seu forte egotismo, uma dose elevada de pretenção e a faculdade de trair, pela dissimulação e a má fé. De resto, a sua fatuidade arrogante, completa o quadro negativo onde o seu caráter se apresenta.

Queira mostrar esse retrato psicológico a uma pessoa insuspeita e de sua confiança. E certamente, ela lhe dirá: "Está ótimo, "Saudade..."

M. L. H. F. (Capital). — Pela segunda vez, informo que a resposta que lhe devo é puramente confidencial. Não será por meio de uma revista que lhe diga o que deseja saber.

A culpa não é minha. A minha boa vontade não pode ir mais longe.

Não é preciso agradecer coisa alguma.

Eu me sinto á vontade em ser útil a alguém. Mesmo porque, há certos benefícios que num vago muito obrigado", ou um "aceite a minha eterna gratidão", meramente epistolares, ou mesmo o dinheiro, não resgatam nunca.

Os benefícios espirituais devem ser desinteressados. Do contrário nada valem.

Entretanto, agradeço a confiança que em mim deposita, fornecendo-me o seu endereço particular.

BONECA DE TRAPO (S. Paulo). — Em questões de amor eu não me meto. As alheias não me interessam nada. Isso é com as macumbas...

O resto é de caráter reservado.

Mesmo que eu desejasse atendê-la, não poderia fazê-lo. V. ex. não me mandou o coupon com os detalhes indispensáveis a um estudo criterioso.

YVES



VISITEM A SECÇÃO DE

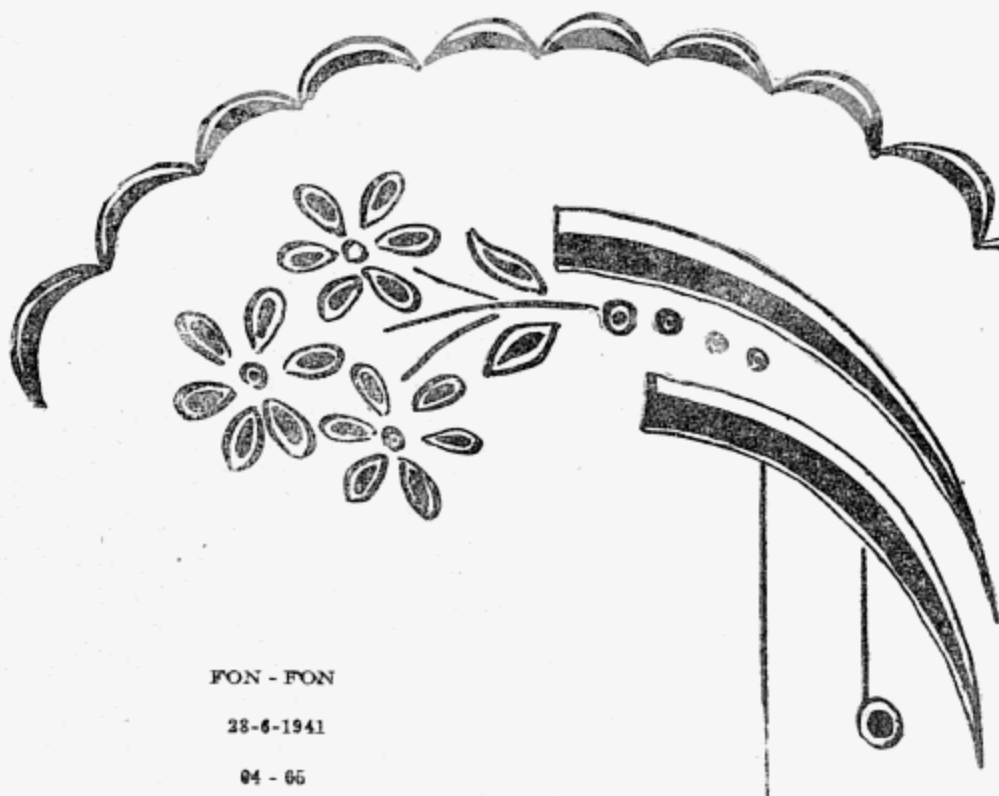
## TRABALHOS RISCADOS DO PARC ROYAL

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

RUA RAMALHO ORTIGÃO, 33 — Rio

Onde encontrarão o maior sortimento de panos riscados e começados — Secção de ampliações e riscos para enxovais de noivas e colegiais — Ensina-se gratuitamente os pontos de bordados.

*Original jogo de quarto, em bordado inglês, para ser bordado com linha C. B. n. 8, nos tons de bege ou branco. Fornecemos o jogo riscado em tecido granné, um oval e dois redondos, a 4\$500.*



FON - FON

28-6-1941

04 - 66



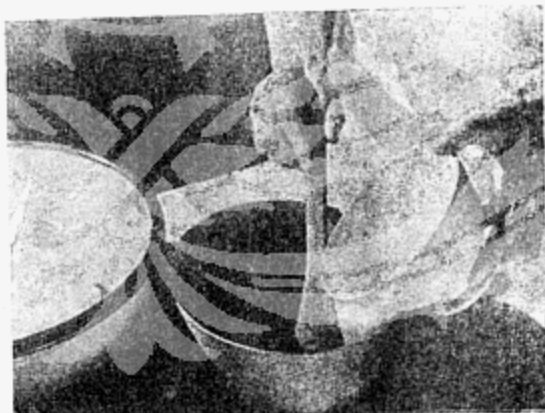
# Culinária de bom Gosto



**SOPA SERTANEJA:** — Ponha num caldeirão 1 rabada partida em pedaços e faça tatar com manteiga e cebola picadinha. Junte 2 cenouras, 1 alho-poró, cheiro, sal, e cubra com água. Deixe cozinhar lentamente, até que a rabada fique se desmanchando. Retire a carne da rabada, desfie e guarde. Passe o caldo pela peneira, torne a juntar a rabada, 1 colíce de vinho e sirva-a quente.

**SANDWICH DE SARDINHA:** — Bata muito bem 2 gemas frescas, junte 1 colherzinha de sal e vá juntando 1/2 xícara de azeite, do melhor, gota a gota para principiar e depois deixando-o cair por um fio e sempre batendo fortemente com o batedor. Adicione então 1/2 colher de caldo de limão e continue a bater, deitando azeite, sempre por um fio, até ter empregado outra 1/2 xícara. Junte, batendo sempre, 1 colher de molho de tomate e um pouquinho de mostarda ou molho inglês. Se ficar muito mole, continue a bater, juntando mais um pouco de azeite. A este molho de mayonnaise misturam-se as sardinhas de duas latas, depois de desmanchadas. Deite esta massa sobre fatias de pão branco, de fôrma, cortadas no formato desejado. Enfeite os sandwiches, com azeitonas picadas e pepinos de conserva.

**BATATAS ASSADAS:** — Escolha 12 batatas grandes, passe-as na água, enxugue-as bem e leve-as a assar no forno. Estando assadas, descasque-as, corte as dois tamos para que fiquem de pé, como se fossem potes, e com uma colher pequena retire um pouco da polpa do centro, sem que prejudique o feitiço das batatas. Amasse essa polpa retirada, com manteiga, 2 gemas cruas, 1 pitada de sal e outra de noz-moscada. Encha os buracos feitos nas batatas com essa massa. Bata as 2 claras em neve, com uma pitada de sal e casca de limão e bote como suspiro sobre as batatas, levando-as a dourar no forno.



**CAMARÕES EMPANADOS:** — Lave bem 3 dúzias de camarões grandes e deixe-os a ferver por 2 a 3 minutos; passe-os opós em água fria e descasque-os. Depois de batido 1 ovo e misturado a 1 colher de água e 1 colherzinha de sal, mergulhe nele os camarões, passando-os depois em farinha de rosca e então frite em gordura bem quente. Sirva com um prato de legumes feitos na manteiga.

**FATIAS DE PEIXE COM QUEIJO:** — Cozinhe um peixe grande, de carne tenra e pouca espinha, em água, temperos e bastante manteiga. De vez em quando regue-o com colheradas desse caldo. Depois de perfeitamente cozido, corte-o em postas grossas e iguais. Coloque-as sobre fatias quadradas de pão torrado. Cubra com um creme feito de queijo picado, derretido em 2 colheres de manteiga e 3 colheres de leite. Sirva imediatamente e bem quente.

**PUDIM DE ASPARGO:** — Depois de haver lavado um quilo de batatas, deposite-as em água a ferver e deixe que cozinhem. Quando estiverem bem tenras, retire-as do fogo, descasque-as e corte-as em pedaços. Passe-as pela peneira e junte á massa 1 colher de farinha de arroz, 4 gemas, 6 aspargos cozidos e, por ultimo, 4 claras batidas em neve. Despeje em uma forma redonda que tenha uma cavidade no centro untada e polvilhada de farinha de rosca. Conserve no forno até que se solte da forma. Retire-a um pouco antes de servir, e, depois de ter esfriado durante alguns minutos, vire sobre uma travessa, cobrindo-a com o seguinte molho: Adicione 1 copo de leite a 1 colher de manteiga e 1 de farinha de trigo. Junte 4 ovos cozidos, cortados em rodela. Despeje por sobre o pudim, enchendo o centro e deixando que escorra para a travessa, simetricamente.

Em cima coloque alguns aspargos cozidos e passados em manteiga quente.



(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

E, então, eis o que viu Capestang: — arrumados contra a parede, cinquenta arcabuzes e cinquenta lanças; na haste de cada lança estava amarrado um sólido punhal; á coronha de cada arcabuz estava amarrada uma pistola de combate.

— Ah! ah! — disse Capestang. — Contrabando de guerra!...

A um canto, sobre telas que tiveram o cuidado de estender sobre o ladrilho, amontoavam-se bem arranjados vestuários completos — trajes da guarda real!...

Capestang examinou a primeira couraça de búfalo que encontrou — especie de couraça de couro fulvo que se vestia por cima do gibão, em certas circunstâncias em que a couraça de ferro seria pesada demais ou incômoda.

— Guerra das ruas! — murmurou Capestang, empalidecendo.

No peito e nas costas da couraça havia um L (Luiz) encimado pela coroa real e cercado com dois galhos de louro.

— O monograma real! — murmurou, pela terceira vez, Capestang.

— Diabo! — disse Cogolino. Será este fidalgo contrabandista algum agente do rei? Quererá Sua Magestade frustrar suas próprias rendas?

Capestang não respondeu. Contava febrilmente as roupas, depois os arcabuzes e as lanças.

— Cincoenta! — disse ele. — Eis aqui com que armar cinquenta guardas!

— Nunca Sua Magestade será tão bem guardado! — observou Cogolino. — Que? Que tem o senhor?...

Capestang andava de um lado para o outro, com gestos furiosos. A's vezes dava uma exclamação. Seus olhos relampeavam. O braço excitava molinetes ferozes.

— Contra quem será? — disse Cogolino, refugindo-se atrás de uma pilha de roupa. Senhor cavalheiro, o senhor parece tal qual o Capitan que eu vi na feira de Saint-Germain, quando ele se preparava para combater...

— Tu também! — exclamou Capestang, estacando de repente.

— Como eu também?... Misericórdia, terá o senhor a atenção de atacar-me!...

— Imbecil! — rugiu Capestang. — Não vês que eu os tenho em meu poder?... Cala-te! Nem uma palavra! Voltemos ás nossas aguas-furtadas e façamos boa guarda! Não nos mexamos mais. Tu não saíras senão para ir buscar comida... E os cavalos?... Será preciso procurar um canto onde não possam ser descobertos; ou antes, ouve: vais levá-los ao mais próximo albergue e alojá-los por oito dias. Quanto a nós... Cogolino, está feita a minha fortuna desta vez!

— Ainda bem, senhor — disse Cogolino. — Mas deveríamos ir alojar-nos no "Ramo de Ouro", perto do

Louvre! Disseram-me que a comida é muito boa, e visto estar feita a nossa fortuna...

— Cala-te! — exclamou Capestang, que recomeçou o seu molinete, os seus desafios, atitudes ferozes, como se estivesse combatendo contra cinquenta inimigos.

Tudo se executou como acabava de dizer o cavalheiro. Os cavalos foram postos na cocheira do albergue do "Bon Rencontre", distante uns cinquenta passos, de modo que estavam á mão em caso de necessidade urgente, estando-se livre deles por enquanto: Capestang e Cogolino instalaram-se nas aguas-furtadas como se nunca deversem sair de lá. Cogolino saía sómente á noite para ir buscar víveres.

Passaram-se cinco dias. Cinco dias mortais, durante os quais Capestang teve mil vezes a idéa de abandonar a guarda que tinha imposto a si mesmo. Porque quem provava que não ia durar um mês ainda, ou mesmo mais?

Na noite do quinto dia ele não se conteva mais e decidiu que no dia seguinte abalariam. Nessa noite Capestang não dormiu.

— Cinco dias perdidos! — exclamou ele. — Disse a Gisela que ia partir em sua conquista, que revolucionaria Paris e o reino! E há cinco dias que vivo deitado sobre esta palha. Ah! Capitan! Miserável Capitan!... Parece-me que cheiro a feno! Deveria comê-lo, já que me tornei um barro, um verdadeiro burco!

Entretanto, mordía os punhos.

Nesse momento eram cerca de onze horas. O silencio era absoluto, as trevas profundas. Capestang sacudiu Cogolino, que dormia, e disse-lhe, furiosamente:

Vai buscar os cavalos Não esperarei até amanhã!

Nesse instante percebeu o leve ruído de uma porta que se abre. Escutou, palpitante. A porta que se abria era a do albergue!...

— Enfim! — exclamou o cavalheiro. — Af vêm eles!...

...

— Estão subindo ás aguas-furtadas! — disse Cogolino, muito baixo.

Sacou o seu punhal. Estavam ambos de pé, ambos inclinados, toda a sua atenção concentrada no ouvido.

Era verdade. Alguem subia. Cogolino mostrou o seu punhal. Capestang sacudiu a cabeça, segurou o seu escudeiro pela gola, arrastou-o para o canto mais distante das aguas-furtadas, achatou-o, deitado de barriga para baixo no soalho e deitou-se também, atrás de alguns molhos de palha...

Nesse momento as aguas-furtadas iluminaram-se um pouco. Capestang levantou a cabeça de leve e viu uma cara emoldurada na trapeira que dava para o patio e onde começava a escada do lado de fora. Essa escada,

(Continua na pag. seguinte)

## CAPITAN

(Continuação)

como em muitos albergues, era para o serviço dos quartos. Começava no pátio, subindo obliquamente ao longo de uma janela da sala comum e dava numa galeria que circundava o primeiro andar. Daí ela começava a subir até uma segunda galeria; depois, um último lance íngreme terminava na trapeira das águas-furtadas.

O homem que Capeatang a estava de avistar entrou nas águas-furtadas e deu alguns passos levantando a lanterna. Capeatang sentiu um suor frio correr-lhe pela testa; a mão apertou o cabo do punhal e teve este pensamento, que iluminou o seu cérebro como um raio lúgubre:

— Tanto peor! Se ele me descobrir, é homem morto! Felizmente por ele, e sem dúvida também para mim Capeatang.

O homem parou no meio das águas-furtadas, fez a luz refletir-se nos cantos, e depois se retirou, dizendo:

— Ninguém! Bom!

Capeatang, aliviado, respirou:

— Corbaque! — pensou ele. — Terei medo de derramar algumas gotas de sangue, eu que já dei não sei quantos golpes com a minha espada?

Sim, ele tinha pena, apesar de julgar-se muito feroz. Os golpes de espadas dados ou apanhados no combate, no duelo... isso sim! A punhalada nas costas, a falsa fé, fazia-lhe medo — e consideramos um dever chamar a atenção para esse estado de espírito que era então coisa rara; as idéias daqueles tempos, não eram as de hoje, nem mesmo as dos tempos próximos de nós.

Nesse período de perturbação e de terror em que tudo se agitava, em que ressoavam rancos subterrâneos anunciando um terremoto da sociedade assim como há tremores de terra, matar um adversário, um inimigo desarmado, no momento em que ele menos esperava, era considerado uma felicidade.

O homem desceu, pois, e Capeatang arrastou-se até a trapeira, com o punhal entre os dentes. Reconheceu no pátio o fidalgo que tinha esboçado a carroça. Em roda dele havia quatro homens, cada um com uma lanterna na mão.

— Nas cocheiras?...

— Ninguém!

— Nos quartos?

— Nada!

— Nas águas-furtadas?

— Nada!

— Na vizinhança?

— Ninguém!

— Bob! — prosseguiu o fidalgo, depois desse rápido interrogatório. — Acenda as velas na sala grande. Feche bem os postigos de modo que não se veja a luz. Que um dos senhores se coloque diante da porta e aí fique de sentinela. Os três outros, na rua, até a esquina da rua Tournon, para mostrar o caminho a monsenhor, que não deve tardar.

A estas palavras, o fidalgo foi para a estrada, sem dúvida parir ele também ao encontro daquele que esperava.

Capeatang apertou o braço de Cogolino como para lhe dar a ordem suprema, e deixou-se escorregar ao longo da escada até a galeria do primeiro andar. Ali, entrou num corredor e, voltando-se, viu Cogolino junto dele. Isso se passou em alguns segundos.

— Tens medo? — perguntou Capeatang, muito baixo.

— Ponha-me à prova! — disse Cogolino.

E's tu homem para arriscar a tua vida? Previno-te de que seremos dois contra dez ou vinte, talvez. Se tens medo, val-te embora. Não quero ser deshonrado por um criado medroso. Se te sentes com forças para olhar para a morte de frente, segue-me...

— Segui-lo-ei! — disse Cogolino, com sublime indiferença.

Dissemos sublime, porque, na realidade, ele tinha medo e mandava para todos os diabos o cavalheiro que se metia no que não lhe competia e falava em combater dois contra vinte.

— Que é preciso fazer?

— Como eu — respondeu Capeatang. — Se eu não me mexer, tu não te mexerás. Se eu atacar, atacarás. Se combater até a morte... Vem!

— Diabo! — resmungou Cogolino par si mesmo. — Que a febre o sufoque! (Mas ia seguindo Capeatang passo a passo) Misericórdia! Chegou a minha última hora!... Ele fala muito descansado... Combaterás até a morte!...

Capeatang caminhava rapidamente, silencioso, como uma fera que, nas trevas da floresta, procura o lugar propício para espreitar.

Desceu a escada interior. Em baixo dessa escada, parou. Cogolino viu, então, que estavam na cozinha, onde, tantas vezes, tinha visto mestre Lureau, escarlate por causa do calor dos seus fornos, comandar os seus bichos de cozinha na manobra das caçarolas.

— Por que não se trata também agora de uma batalha de panelas da qual saíria a vitória de um bom jantar? — pensou Cogolino, dando um profundo suspiro.

O cozinha, escura, estava separada da sala vivamente iluminada por uma porta envidraçada. Oito ou dez fidalgos ali estavam reunidos. Mas de segundo em segundo vinham chegando outros; em breve eram uns trinta; em breve a sala ficou cheia. Capeatang notou nesse momento que um dos conspiradores pregava na parede do fundo uma pintura representando o escudo dos príncipes de Condé-Bourbon, com as flores de Lís e a lista atravessada. Quando esse conspirador voltou a cabeça, Capeatang viu que era o fidalgo que tinha alugado por seis meses o albergue de mestre Lureau; tinha trepado sobre uma mesa comprida, junto da qual havia três cadeiras. Cogolino também olhava, e pensava:

— Que um só destes contrabandistas tenha a idéia de entreabrir esta porta, e sou um homem morto. Ah! senhor cavalheiro — disse ele, num tom de censura — eis uma hora em que me devo chamar Laguigne.

Capeatang voltou-se furiosamente, agarrou o desgraçado Cogolino pela garganta e encostou-o à parede:

— Como dissesse que te chamas? — exclamou ele.

— Laguigne, senhor! — gemeu Cogolino.

Capeatang apertou. Seus dedos enterram-se-lhe na garganta.

— Como dissesse que te chamas? Repete outra vez?!

— Lachance, senhor, Lachance!...

— Ainda bem — disse Capeatang, largando-o. — E faze-me o favor de ficar com a cara conveniente a um homem que se chama Lachance. Porque se, por desgraça, perceberes que és Laguigne, estrangulo-te de uma vez.

Cogolino pôs-se imediatamente a sorrir alegremente; mas o sorriso de alegria era tão lúgubre que Capeatang não pôde deixar de rir.

— Vamos — disse ele — consola-te. Não sabes que se, porventura, fores destripado por um desses fidalgos, será uma grande honra para ti ser morto em companhia de um Tremazenc de Capeatang?

— Ah! sim, é verdade — disse Cogolino. — Não tinha pensado na honra!

— Vês, pois!

E Capeatang, sinceramente convencido de que tinha consolado o seu escudeiro do modo mais feliz possível, voltou ao seu posto no momento em que dali havia

fidalgos, tendo trepado sobre a mesa do fundo, se sentavam nas cadeiras.

Um desses três era, pois, aquele que tinha alugado o albergue, que tinha mandado trazer os vestuários e as armas.

O segundo era um desconhecido para Capestang. Quanto ao terceiro, ele o reconheceu por tê-lo visto no albergue da "Pêga ladra", em Meudon.

— O príncipe de Condé — disse ele. — Ora, onde está, então o caro senhor de Guise?... E onde está o duque de Angoulême? Estarão esses senhores brincando de cabra-cega?

— Senhores — dizia, nesse momento, o príncipe de Condé — o senhor de Rohan vai explicar-nos o pé em que estamos e o que podemos empreender com esperança de sucesso.

Fez-se na sala um profundo silêncio.

O fidalgo, que era colocatário de mestre Lureau, levantou-se.

— Diabo! — disse Capestang a Cogolino. — É o colocatário de um Rohan... Meus cumprimentos.

— Caminho de honra em honra — disse Cogolino, dando um suspiro de angústia.

— Senhores — disse o duque de Rohan, com voz forte, visto não podermos mais contar com o duque de Angoulême, (Capestang estremeceu: "Ah! ah! — pensava ele: — Terá o pai de Gisela renunciado às suas pretensões?")...; visto sabermos muito bem que o senhor de Guise, faltando à fé jurada, está trabalhando secretamente e quer dispensar o nosso concurso, é justo e legítimo que nós trabalhemos do nosso lado.

— Sim, sim! — exclamou os conjurados, com uma só voz.

Só o príncipe de Condé permaneceu pálido e frio.

— Senhores — continuou Rohan — por que razão quererá o duque pôr-nos de lado? E' que ele é sempre Guise. E' que ele é bem o filho daquele que pôs o pé sobre o cadáver de Coligny. E que como o seu pai, ele é chefe do partido católico; que todos nós, senhores, convertidos ou não, somos ainda huguenotes. Por mais que o nosso príncipe vá à missa; por mais que eu mesmo vá, e a maioria dos senhores, somos uns herejes!

— Sim, sim! — exclamaram os conjurados, com vozes furiosas.

— A questão que se debate, hoje, não é, pois, senão uma nova face da grande contenda que terminou com o dia de São Bartolomeu. Senhores, deixar-nos-emos despojar, arredados da vida pública, para talvez ainda sermos assassinados? Basta para isso que cruzemos os braços e deixemos agir o enhor de Guise, que antes de um mês será o que o seu pai souhou ser: rei de França! E se Lorena reinar, senhores, desgraçados malditos herejes, convertidos ou não! As melroas transformar-se-ão em abutres para devorar-nos o coração. (1)

Um frêmito de raiva e de odio percorreu a assembléa.

O discurso de Rohan não era senão a exata e forte expressão de uma situação que cada um deles bem conhecia.

Capestang viu as caras chamejantes, as mãos a procurarem as guardas das espadas, os olhos a cintilarem.

— Corbacque! — disse ele. — Estes homens estão dispostos a morrer até o último, se for preciso. Apesar do que dizem ou fazem, são uns bravos.

— Senhores — continuou Rohan — a luta entre Guise e Condé nunca cessou. Para acabar de uma vez, para unir os nossos esforços em vista da vitória

da fidalguia sobre as pretensões exorbitantes da monarquia, partidários de Guise e partidários de Condé, ouvimos os conselhos do velho Cinq-Mars e adotamos o duque de Angoulême como meio termo. Mas, visto Angoulême não ser mais possível (Por que não será mais possível o pai de Gisela? — perguntou Capestang a si mesmo); visto ter-se assim, partido a tregua entre Guise e Condé; avante, pois! Puxemos as espadas, como os nossos pais fizeram em Jarnac e em Montcontour! Sejamos os primeiros a atacar. Vencida Lorena, a França é nossa!

Um tumulto de entusiasmo proveu ao trador que todos os conjurados não esperavam senão o momento de atacar.

E um grande grito ressoou, então, nessa assembléa, que parecia presa do delírio dos titãs reunidos para tomar de escalada o Olimpo:

— Lista abaixo!... Lista abaixo!...

— Senhores — balbuciou o príncipe de Condé, lívido, levantando-se.

— Lista abaixo! Lista abaixo!...

— Pois bem! — Sim! — urrou Rohan. — Lista abaixo!... Senhores, viva o rei!...

Ao mesmo tempo, tirou a pintura que tinha pendurado à parede e que representava os emblemas de Condé; virou o outro lado do quadro, pendurou-o no mesmo lugar, e viu-se então, que tinha os mesmos emblemas, "mas sem a lista".

A lista, que distinguia o ramo dos Condé do ramo real, não estava mais lá.

Era, pois, o escudo real!...

Estalaram os aplausos; as espadas saíram das suas bainhas e relampejaram; os braços armados levantaram-se alto como para um juramento ou uma ameaça; e as caras convulsionadas exprimiam a violência dos sentimentos que se desencadeavam nessas almas, ao passo que ressoavam um clamor com uma descarga de arcabuzes:

— Viva o rei!

— Ah! ah! — rousnou Capestang. — Viva o rei! Qual! não é mais Carlos X, isto é, Angoulême!... Não é mais Luiz XIII... Sim, mas eu sou o "cavaleiro do rei!" Atenção, Capestang! Está aqui a ocasião de fazer fortuna e conquistar Gisela!

Na sala estabeleceu-se a calma.

Rohan terminava:

— E' preciso que esta noite o príncipe de Condé se decida. Quanto a mim, senhores, eu e meus amigos partiremos amanhã de Paris, se desta reunião não sair o raio que vai esfacer o tronco do bearnes renegado que vendeu sua religião e seus irmãos por uma coroa, como outrora Esaú vendeu o seu direito por um prato de lentilhas...

Todos os olhares convergiram para o príncipe de Condé, que, lívido, a testa coberta de suor frio, estava longe de mostrar a atitude de um pretendente resolvido a vencer ou a morrer.

— Senhores — disse ele — a sua causa é a minha. Nós tomamos, com o duque de Angoulême e o duque de Guise, disposições que foram anuladas pela traição de Concini. Se o nosso fiel amigo, duque de Rohan, não provar que há probabilidades de sucesso, estou pronto a arriscar minha vida...

Rohan sorriu. Inclinou-se diante do príncipe de Condé:

— Sire, disse ele...

Uma salva de bravos saudou essa palavra.

E o próprio Condé sentiu uma chama de orgulho subir-lhe do coração à fronte.

— Sire — disse Rohan — eis quais são as disposições que tomei para assegurar o sucesso do ataque repentino, do qual depende a sua fortuna e a nossa. Amanhã, uns bandos vão percorrer a cidade, desde cedo, de manhã...

(1) Sabe-se que as melroas figuravam no braço da casa de Lorena, cujo chefe atual era o duque de Guise.

transfigurado, esquecendo que estava só no fundo de uma cozinha de albergue abandonado, desafiava todo o reino, e gritava:

— Capeatang.

Mas ele era a própria sinceridade. E essa é a sua desculpa.

Dizemos que ele estava só na cozinha. E Cogolino? Iamos esquecê-lo. Cogolino, no momento em que o cavalheiro caiu a fundo, deu um grito dilacerante. Capeatang ouviu a queda de um corpo no lago e, atirando a sua espada:

— Ah! maldito hábito de gesticular que eu tenho! — exclamou ele. — Mate! o meu pobre Cogolino!... Lachance, ou antes Lagugne, diga-me, meu amigo, foste gravemente ferido? Ah! que diabo de modos exagerados eu tenho! Vejamos, estás morto? Responde-me, ao menos, para que eu vá buscar um padre...

— Então o senhor não queria trucidar-me senhor cavalheiro? — disse a voz queixosa de Cogolino.

— Trucidar-te? E por que? Não, não! Se te ferir, foi sem querer. Dize, queres que eu vá depressa ao convento dos Carmelitas, e que te traga um dos dignos frades?...

— Mas eu não preciso nem de frade nem de padre — disse Cogolino.

— Pagão! Queres morrer sem confissão?

— Ora, senhor, quem fala em morrer? Eu nem mesmo fui ferido. Cai porque o senhor me fez medo. É que o senhor não é de brincadeiras. Ainda sinto um arripio passar-me pela espinha dorsal.

— Bom! — disse Capeatang. — Visto não teres morrido, acende uma vela, uma lanterna, seja o que for, porque temos que trabalhar.

E Capeatang, sem querer confessar o seu alívio, respirou satisfeito, porque se tinha afeiçãoado a Cogolino, e um segundo a idéia de ter causado uma morte, conquanto involuntária, o tinha feito tremer de horror.

Tendo, pois, Cogolino acendido uma lanterna, entraram ambos na sala grande onde, como já se viu, estavam empilhadas cincoenta roupas de guardas e as armas condizentes com as roupas.

O cavalheiro apanhou a um canto o molho de chaves que Rohan ali tinha deixado, não conservando senão a da porta da rua. Essas chaves tinham cada uma o seu letreiro.

Capeatang encontrou, pois, facilmente a que procurava, isto é, a da adega. Então, começou a amontoar sobre o seu ombro gibões, jaquetas, perneiras, calções, tudo o que lhe caía debaixo da mão, e desceu à adega, onde pousou o seu fardo.

Cogolino tinha-o imitado.

Depois fez-se uma segunda viagem, e em seguida outras. Em duas horas toda essa pilha de equipamentos e de armamentos tinha sido levada para a adega, cuja sólida porta Capeatang fechou, dando duas voltas à chave.

— Que diabo de trabalho andamos fazendo? — perguntou então Cogolino.

— Pois não viste, imbecil? Nós aprisionamos uma companhia de guardas.

Depois disso Capeatang subiu às águas-furtadas, estendeu-se na sua cama de feno perfumada e pôs-se a pensar no dia seguinte. Acabou por adormecer dizendo muito baixo o nome de Gisela, como, outrora, os cavalheiros errantes, na véspera de um combate singular, invocavam a dama dos seus pensamentos.

Quando Capeatang acordou, o sol entrava pela trapézia e dava-lhe bom-dia.

— Eis chegado o grande momento — disse ele a si mesmo; — se hoje eu não executar a façanha notável que deve fazer a minha fortuna, é que o filho do senhor de Tremazenc não é mais do que um tolo, um miserável mata-sete... Um Capitão, como eles dizem. Capitão! Ah! *corbacque*, eu...

Já ele se impacientava e o sangue lhe subia à cabeça, quando os seus olhos deram com Cogolino, que,

sobre uma cadeira virada, instalava os elementos de um substancial e succulento jantar frio. Diante disso Capeatang percebeu que estava com uma fome canina, e imediatamente atacou o presunto.

— Senhor — perguntou Cogolino — será hoje que nos vamos alojar no "Ramo de Ouro", naquele hotel que é digno de um Tremazenc de Capeatang? Parece-me que já fizemos bastante honra a estas águas-furtadas.

— Tens razão, Lachance — disse Capeatang. — Mas o "Ramo de Ouro" parece-me agora uma morada muito pobre. Esta noite, Cogolino, dormiremos no Louvre.

— No Louvre — exclamou Cogolino, inchado de orgulho. — Ah! na verdade...

— A menos que não durmamos na Bastilha ou no Templo, ou então em qualquer masmorra em que nos mande ativar o senhor príncipe de Condé.

— Diabo! Eu preferiria o "Ramo de Ouro", ou mesmo estas águas-furtadas — disse Cogolino, fazendo uma careta.

— A menos que não sejamos postos no nosso caixão — terminou Capeatang — a suprema hospedaria, a melhor, talvez.

Cogolino deixou cair a garrafa que tinha na mão e cujo gargalo se preparava para levar aos lábios. O orgulho cedeu lugar ao terror na alma do digno compadre; depois o terror cedeu também o seu lugar à resignação.

— Ah! senhor cavalheiro! — disse ele, com uma voz engasgada. — Então vamos combater?

— Cogolino — disse o cavalheiro, cortando um pedaço de empada, nós vamos impedir que Paris faça uma revolução...

— Nós dois?!

— Por que não? Eu só. Sansão destruiu o exército dos filisteus com uma queixada de burro. Que não farei eu com a minha espada, que vale tanto como uma queixada de burro, creio? Lá outrora, em Tremazenc, nos livros da senhora minha mãe, que Rolando resistiu só contra um povo inteiro de mouros ou de turcos, não me lembro bem ao certo. Compreendes, Cogolino? Escamotear esse conspirador que está a morrer de medo, de resto, e que dizem ser sovina, forreta como ninguém, esse Condé que quer dar uma cambalhota ao meu pobre reizinho. Sustentar com o meu ombro um trono que vacila. Tomar a coroa real e gritar para a mantilha dos assassinos: "Não toquem nisto!"

— Sim — disse Cogolino. — Seria magnífico, mas...

— Cala-te ou duvidarei da tua inteligência. Pela minha fé, só tenho pena desse Rohan, que me parece ser um bravo e digno fidalgo.

Com essas conversas e outras, o cavalheiro, excitando-se cada vez mais e Cogolino acabando por fazer a sua prece para o que desse e viesse, o tempo se passou. Por volta das três horas, Capeatang deu ao seu escudeiro as suas últimas instruções.

Depois, postados nessas águas-furtadas de onde o cavalheiro, segundo a sua convicção, não devia sair senão paracaminhar para a glória, esperaram o momento de agir. Capeatang estava frio, o que, nele, era um sintoma terrível. Cogolino estava no seu vigésimo quinto Padre-nosso... Um homem entrou de repente no albergue depois, logo imediatamente, um outro...

Esses dois homens eram o duque de Rohan e o príncipe de Condé!

Rohan e Condé tinham entrado numa sala contígua à sala grande e que tinha servido de gabinete particular no tempo do esplendor do albergue.

— Duque — disse o príncipe, com uma certa majestade, perdoe-me ter, ontem, duvidado do senhor. Minha hesitação era muito natural. Pense que eu sou

(Continúa na página seguinte)

## CAPITAN

(Continuação)

um Bourbon como o rei atual: somos primos, somos da mesma raça. Aterro-me ao pensar que a história possa dizer dos Bourbons o que já disse dos Valois: que tinham sido uma família de Atridas. Junte a essas considerações o peso das responsabilidades que ficarão ao meu cargo, e compreenderá o motivo da minha prudência. Não falemos mais nisso, duque: leitel a cartada. O senhor fez-me vir aqui antes dos nossos companheiros para que eu lhe dê as minhas ordens. Ei-las...

O príncipe de Condé interrompeu-se um instante, pensativo.

Rohan esperava numa atitude respeitosa. As palavras do futuro rei, longe de ofendê-lo, tinham-no tranquilizado de todo.

Eis as minhas ordens, prosseguiu o príncipe. Mas, antes de tudo, diga-me o que quer para o senhor.

— Para mim, monsenhor? Nada!

— Dentro de duas horas, serei rei. Então ficarei cercado de solicitadores, de cortejãos, todos de rostos nos meus pés, e que não levantarão a cabeça para mim senão para pedir, pedir sem cessar. Todos os nossos companheiros já me disseram o que querem para si. Só o senhor, duque, recusa, quando lhe ofereço. Isso é orgulho. Eis, pois, a minha primeira ordem: quero saber o que o senhor deseja que eu faça para o senhor quando me tiver feito rei.

— Bem, monsenhor, tenho, com efeito, alguma coisa a pedir-lhe! — disse Rohan, com firmeza.

— Ainda bem! — disse o príncipe, sorrindo.

— Monsenhor — prosseguiu Rohan, endireitando-se — peço a liberdade de consciência para mim e todos os da religião. Peço que sejamos tratados do mesmo modo do que os senhores da missa. Se Guise vencesse, nós seríamos esmagados, nós, os huguenotes. Não lhe peço que esmague os nossos adversários. Mas que ao menos tenhamos o direito de levantar templos, de rezar em francês em vez de rezar em latim, e de arrancar o reino à tutela do papa.

— Em suma, o senhor pede-me que seja um rei huguenote! Isto sublevaria contra o meu trono Paris inteiro e três quartas partes do reino, isto é, seria deposto ao cabo de três meses de reinado por alguma revolução que me arrancaria a coroa e em que todos perderiam as suas vidas. Não, duque. No dia em que o rei de França não for mais o filho mais velho da igreja, não haverá mais realza em França. Não se destrói com alguns decretos ou regulamentos o trabalho imenso que se edificou lentamente de séculos em séculos. Henrique Quarto aceitou a missa para reinar. A raposa velha sabia bem que este povo educado pela igreja considera a igreja como sua mãe. Se eu quiser reinar, devo ser o primeiro católico do reino. Eis o que faço pelos huguenotes: dou-lhes dez praças de segurança no território, um oitavo dos cargos de justiça, um quarto dos cargos militares, e acesso aos empregos na corte. E, creia-me, será preciso ainda fazer-se uma revolução para impor essas reformas.

— Sire — disse Rohan, cujo coração palpitava de alegria — se o senhor cumprir essas promessas, parece que nos devemos contentar, porque implicam para nós no direito de viver e pensar livremente.

— Juízo mantê-las pronunciou claramente o príncipe, sem responder às últimas palavras de Rohan. — Quanto ao senhor...

— Nada para mim, sire, nada! — exclamou Rohan, quasi com violência.

— Diga, então, que quer abandonar-me! Dou-lhe a capitania geral do Louvre com o posto e prerrogativas de marechal. Se o senhor aceitar, eu flico. Se o senhor recusar, eu parto!

— Aceito, sire! — murmurou Rohan, inclinando-se profundamente.

Depois, erguendo-se:

— Agora, sire, dê as suas ordens ao seu capitão geral!

— Ei-las — disse o príncipe de Condé. — Vamos atacar o Louvre, e aí entraremos à frente de uma companhia. O senhor acompanhará o rei deposto a Vincennes. Mandará ocupar os diversos pontos estratégicos de Paris. Luynes e Ornano na Bastilha. Concini no Templo...

— O trajeto é bem longo da rua Tournon até o Templo...

— Conto com isso! — disse Condé, sorrindo de um modo singular. — Oito homens bastarão para levá-lo prisioneiro, e se, em caminho, houver algum tumulto, se o povo quiser vingar-se um pouco... então... "verba gestaque populi, gesta vercaque Dei!" (Voz do povo, voz de Deus).

— Bem, sire! — disse Rohan, que não pôde deixar de estremecer.

— Eis o mais urgente, prosseguiu Condé. — Agora, meu caro duque, se quiser, vamos para a sala grande, e vestir-nos-emos com as roupas de oficial da guarda, enquanto espera a que vai vestir amanhã. No Louvre dir-lhe-ei o resto. Os nossos amigos não tardarão a chegar.

— Ah! temos mais de meia hora — disse, alegremente, o duque, que, entretanto, se dirigia para a sala grande.

A entrada, olhou de relance em torno de si. E de repente empalideceu. Seus olhos desviados investigaram os recantos da sala. Depois voltou esse olhar cheio de espanto, de terror e de angústia para Condé e veio-lhe aos lábios uma espécie de gemido.

— Então? — disse, vivamente, o príncipe. — As cinquenta roupas dos guardas!...

— Estavam ali! — balbuciou Rohan.

— Os arcabuzes, as lanças, as pistolas!...

— Nada! Mais nada! — urrou Rohan, dando um terrível grito de raiva, que fez enfim explosão na garganta.

Condé ficou lívido...

— Procuremos! — murmurou ele. — Procuremos! Talvez algum dos nossos os tenha levado para uma outra sala.

— Talvez, com efeito... — gaguejou Rohan, que vacilava. — As chaves de casa... Tinha-as atirado ali, todas juntas, naquele canto... Onde estão elas?... Traídos!.. Monsenhor, fomos traídos!...

— Senhores — disse, nesse momento, uma voz. — Não tomem o trabalho de procurar; não as encontrarão, apesar de tudo o que diz o evangelho de São Lucas!

Os dois conspiradores, com o mesmo movimento fúrio, levantaram a cabeça para cima da escada interior que, dos quartos do sobrado, dava na sala grande, e viram um homem descendo tranquilamente.

— Ah! — exclamou o príncipe. — Já vi este homem! Estou reconhecendo-o! Foi ele que esteve nas adegas do palácio de Angoulême para descobrir os nossos segredos!...

— Lá e em outros lugares, monsenhor — disse o cavalleiro.

— Capeatang! E' Capeatang! — rugiu o príncipe.

— A senha do Louvre, monsenhor! — disse Capeatang, pondo o pé no último degrau. Senhores, tenho a honra de saudá-los! — acrescentou ele, levantando o seu feltro.

— Ah! — urrou o duque de Rohan. — E' Cape- tang! E o Capitan! Pois bem! Capitan do diabo, será esta a tua última traição! Estás morto!...

Ao mesmo tempo, Rohan atacou o cavaliheiro, de espada em punho, gritando:

— Desembainha, monsenhor! Matemos! Matemos!... Deu um terrível grito de raiva: a sua espada acabava de escapar-lhe das mãos...

Capestang, depois de ter saudado, atirou o seu feltro para longe, e, desembainhando a sua espada, pos- tou-se em guarda, o braço direito quasi todo esten- dido, a mão esquerda na parede, dobrado sobre si mesmo...

— Senhor — disse ele, cruzando a sua espada com a do adversario e fazendo-a saltar — o senhor enga- na-se falando em traição. O senhor vai atacar o rei, o seu rei, senhor! Defendo-o como posso. Se eu ti- vesse revelado os segredos que descobri sem querer, os senhores estariam na Bastilha ou então as suas cabeças já teriam rolado sob o cutelo...

Rohan já tinha apanhado a sua espada e atirava-se de novo sobre o seu adversario.

Condé correu á porta por onde tinha acabado de entrar. Fechada!... Correu á porta da rua... Fe- chada!... Então somente, louco de raiva e de furo, ofegante de desespero diante desse obstaculo que lhe tolhia o caminho justamente no momento em que ia apoderar-se da coroa, desembainhou a espada, e, por sua vez, atacou Cape tang...

Nesse mesmo instante, o duque de Rohan caía com o ombro atravessado de lado a lado, e Cape tang vo- ciferava:

— Cogolino! Onde estás, tratante, biltre, Laguigne! Não vês que monsenhor está á tua espera?... Ar- ranco-te as orelhas!...

Cogolino apareceu.

Condé, vendo Rohan cair, tinha estacado.

— Monsenhor — disse Cape tang — entregue-se!... O senhor não tem a força necessaria para combater contra o Capitan!... (Condé deu um gemido de ver- gonha e postou-se em guarda). Não? Não quer entre- gar-se? (Condé caiu furioso sobre o cavaliheiro, o qual se desviou com um violento golpe). Nesse caso, mon- senhor, eu o aprisiono... Atenção (Ele cruzou a sua espada com a do príncipe). Desarmou-o! (A espada saltou no ar) e... o senhor está preso!

Ao mesmo tempo pôs-lhe a mão no ombro e a pon- Condé teve um espasmo de revolta... A ponta da ta da sua espada na garganta.

espada penetrou-lhe na carne, e Cape tang, terrível, ohamejante, disse, com uma frieza mais terrível do que a sua atitude:

— Olhe, senhor, não me force a matá-lo! Teria pesar!

Condé olhou para o moço com uns olhos cheios de mudas impressões, e gaguejou:

— Está bem. Estou desarmado. Rendo-me!

— Cogolino! Fica de sentinela junto de monsenhor. Ao primeiro passo, ao primeiro gesto que ele fizer, mata-o!...

Cogolino, de punhal na mão, colocou-se junto do príncipe.

Condé baixou a cabeça. Seu peito dilatou-se. Deu um gemido atroz, semelhante á fera apanhada na ar- madilha, e um soluço veio-lhe á garganta.

Capestang embainhou a sua espada, foi apanhar o feltro, que conservou na mão, e voltou para junto de Rohan.

O duque, nesse momento, abria os olhos, assustado; tentou ainda levantar-se; mas, quer pela fraqueza, quer por desânimo, tornou a cair, palpitante.

Capestang inclinou-se como se inclinavam os nobres valorosos diante do inimigo vencido.

— Senhor — disse ele — fui eu quem destruí as cincoenta roupas de guardas que o senhor tinha em- pilhado aqui. Fui eu quem destruí as armas. Feri-o.

Prendo-o, senhor de Condé. Espero assim poder sal- var o pequeno Luiz XIII. Que quer? O senhor com- bate em favor de Condé. Outros combatem por Guise. Outros por Angoulême. Se eu não seguisse senão o meu interesse, talvez estivesse do seu lado. Talvez um dia o senhor saiba que neste momento estou tra- balhando, não só contra os seus interesses, mas tam- bem contra os do meu coração. Vi o pobre reizinho de quinze anos tão só contra tantos e implacáveis ini- migos; vi-o, digo, lá dentro do seu Louvre, como uma presa tão fraca, incapaz de resistir e de defender-se; vi-o chorar, e comovi-me. Fiquei cheio de compaixão, senhor. Resolvi defender o reizinho. Os senhores são milhares; eu estou só. Os senhores são poderosamente ricos; eu sou pobre. Não tenho amigos nem compa- nheiro. Eis a minha historia, senhor. Vê que não cometi traição alguma. Se o rei fosse poderoso, e o se- nhor fraco e pobre, eu estaria do seu lado contra o rei. Na realidade, vê, pouco me importa quem reine. Mas não quero que o meu Luizinho décimo terceiro chore. E, de resto, ele me salvou a vida. E depois, monsenhor, quando ele quer dar uma senha nas horas trágicas da sua vida, é o meu nome que ele escolhe. Eu sou o seu escudo. Senhor, eu sou o "Cavaliheiro do Rei"! Dou-lhe estas explicações, porque o senhor me agrada. A sua ferida não é mortal. Dentro de um mês não terá mais nada. Então, senhor duque, se lhe aprouver tirar a sua desforra, será para mim uma honra e estarei á sua disposição. Entretanto, saúdo-o de todo o meu coração, primeiro, porque é um vencido, e depois, porque o senhor é um bravo... Adeus!... Cogolino, abre a porta!

Depois disso, cobriu a cabeça com o seu feltro, e dirigiu-se a Condé, tomou-o pelo braço e conduziu-o para fora, acompanhado por Cogolino, e pôs-se a ca- minhar na rua Vaugirard dando as costas para á rua Tournon no momento em que uns quinze fidalgos do- bravam a esquina; era tempo.

Capestang entrou na rua Pont-de-fer, que dava na encruzilhada do Vieux-Colombier.

Ao longe, ouviam-se surdos rumores, semelhantes ás ressacas do Oceano nas noites de tempestade. Ra- jadas de rumores subiam do fundo de Paris. Os sinos tocavam rebate.

Esses ruidos de tumulto fizeram estremecer Condé. Cape tang entreabriu a sua capa e mostrou-lhe uma pistola.

— Monsenhor — disse ele — nós vamos acotevalar- nos com os seus partidarios; ser-lhe-á facil chamar socorro, e eu serei morto. Mas dou-lhe minha palavra de honra de que, ao primeiro grito, imediatamente o mato com esta pistola que é um empréstimo que fiz ás armas que o senhor depositou no albergue; será um consolo para o senhor.

— Está bem, senhor — disse Condé, com uma voz soturna e desesperada; — entreguei-me, calar-me-ei. Uma palavra somente: para onde me leva?

— Ao Louvre! — respondeu Cape tang. — Não tenha medo: "respondo pelo senhor"! — acrescentou ele, com suprema confiança.

Depois disso, Condé não disse mais palavra. Estava acabrunhado. Sentia a cabeça vazia e o coração fraco. Seguramente, se algum meio de recobrar a liberdade se lhe oferecesse nesse momnto, ele seria incapaz de aproveitar-se. Causa singular: Henrique II, de Bour- bon, príncipe de Condé, neto desse Luiz I que tinha sido o leão das guerras de religião, filho de Henrique I, que, durante os horrores da Saint-Barthélemy, deu o exemplo da suprema bravura — esse homem, pois, que foi o pai de Luiz II de Bourbons, que a historia apelidou de "Grande Condé", esse homem, que era de uma raça de titans de coração de aço e que era raiz de uma familia de heróis; esse homem tremeu toda a sua vida e não mostrou ardor ou coragem se-

(Continua na pag. seguinte)

# CAPITAN

(Continuação)

não para extorquir dinheiro do ramo reinante. Na época desta narração ele já tinha recebido seis milhões no espaço de seis anos. E é preciso dizer que no valor intrínseco, e sobretudo no valor relativo, um milhão dessa época representava três da nossa.

Nestas tarde de 1º de setembro de 1616, em que o mínimo gesto de energia lhe teria dado a coroa, Henrique II de Bourbon, príncipe de Condé, foi o príncipe do medo; e foi o terror que reinou nessa alma de avaro.

Capestang segurou-o solidamente pelo braço. Desceram para o lado de onde vinham os rumores que ressoavam com grande estrondo, ora sardamente ameaçadores, para a efervescência da revolução, para Paris.

Desde a encruzilhada do Vieux-Colombier eles entraram no meio da multidão. Bandos de burgueses armados encaminhavam-se para o centro, gritando: "Viva o senhor príncipe!" E verdade que, imediatamente depois, acrescentaram: "Viva a miséria!", como se quisessem prevenir o huguenote mal convertido que adotavam para rei.

Esses bandos pareciam perfeitamente organizados. Os burgueses gritavam também para os transeuntes, para incitá-los: "Os guardas estão conosco! Não ver uma companhia de guerra marchar conosco!"

Condé estremecia; Capeatang sorria: eles sabiam o que era feito da companhia de guardas!

Mas, no momento em que o cavalheiro penetrou na rua do Four, o sorriso cessou nos seus lábios. Até então ele não tinha visto senão a revolução política: dignos e desajeitados burgueses, todos tolhidos com as suas patzanas reluzentes, homens que clamavam: "Abaixo o rei!", e ao mesmo tempo: "Viva o rei!". Em suma, negociantes que queriam mudar de senhor sem saber por quê. E ali, nessa rua estreita, teve uma visão do inferno. Uma massa de povo de onde partiam urros terríveis. Caras convulsas cheias de odios e de esperança. Olhos fulgurantes. Rostos de miseráveis. Homens, mulheres, crianças, velhos, andrajosos, descalços, com terríveis cataduras, atrevidas e sofredoras, fisionomias que faziam chorar de pena e assustavam, uma torrente humana transbordada não se sabia como e que corria sem saber para onde, como correm e se precipitam as torrentes, com o estrondo do trovão. E desse bando desordenado, delirante, impellido para a frente pelas profundas esperanças e mais profundas dores, desse bando armado com paus, velhas lanças, pistolas inutilizadas, dessa vaga de homens que levantavam para o céu os seus olhos chamejantes, e mostravam os punhos ameaçadores para um inimigo ausente, saía um clamor feroz, um longo grito de angústia, um urro de ódio... E isso era realmente a sedição vinda das entranhas de Paris, era tudo o que chorava, sofria, se lamentava nos baixios da cidade dourada, tudo o que era esmagado pelo luxo e pela insolência dos grandes e que, num fugitivo momento, levantava a cabeça. Isso passava como vagas monstruosas, passava deixando um longo rastilho de terror, um surdo frêmito de pavor como se, á passagem dessa tromba, Paris pudesse entrever no longínquo futuro dos séculos a tempestade da Revolução... E essa besta da Apocalipse que se arremessava através das ruas gritava cousas estranhas:

— Pão ou a morte!...  
— Morte aos esfomeadores!...  
— Vejam a miséria do povo!...  
— Abaixo os impostos!... Abaixo o rei! Abaixo os senhores!  
— Morte aos opressores!... Morte aos esmagadores! Morte! Morte!...

Nesse dia, Paris queria brincar de revolução. Paris que queria um novo rei. Paris que se queria divertir com uma nova Saint-Barthélemy. Paris tremou até nas suas entranhas. Viram-se esses bandos desenhados em toda parte. A' rua Saint-Martin as lojas foram saqueadas. Saqueado o antigo palácio d'Or. Ameaçada um instante a Bastilha. Concluiu tremou dentro do seu palácio erigido de arcabuzes. Leonor Galigai tremou. Richelieu tremou. Os senhores, os grandes — tudo tremou... Era, desde muito tempo, a primeira vez que a revolta e a miséria tomavam a palavra.

Transtornado, pálido, os olhos arregalados, Capeatang viu passar a torrente. E depois que ela passou, ficou muito tempo pensativo, sentindo no íntimo do seu ser um arreple de terror como nunca sentira, e no fundo do seu cérebro pensamentos que o assustavam...

Isso durou alguns minutos. Depois, sacudindo o corpo, prosseguia no seu caminho e arrastando Condé.

— Vm, monsenhor?...

— Vm, sim! — balbuciou Condé, batendo o queixo.

— E que quer essa gente? Sabe, monsenhor?

— Tudo! — respondeu Condé, surdamente.

Alguns minutos depois eles desembocavam na rua Dauphine, no fim da rua, diante do Pont-Neuf. Ali havia uma barreira de burgueses armados com arcabuzes a gritarem:

— E' a hora! A companhia dos guardas vai chegar!

— Nós vamos marchar contra o Louvre!

— Viva o senhor príncipe! Viva Condé!...

Capestang adiantou-se para a ponte, pensando que passaria sem dificuldade.

— Alto lá! Quem passa?... — clamaram os burgueses.

— Maldição! — exclamou Capeatang, tentando recuar.

— Alto! — vociferou os burgueses. — Alto e respondam. Quem vem lá?...

— Condé! — urrou Capeatang.

A palavra saiu espontaneamente dos seus lábios conflagrados. Foi como que uma idéia súbita como o relâmpago que iluminou a situação.

A palavra trouxe na sua cabeça e fez explosão sem que ele a procurasse. Ao mesmo tempo, Capeatang apertava o braço do príncipe, e, com um gesto rápido, mostrava-lhe a pistola! Ao mesmo tempo marchava para os burgueses, arrastando Condé estupefacto, vacillante, incapaz de fazer um gesto!... Ao mesmo tempo a barreira dos burgueses abria-se! Eles gritaram:

— Passem, bravos fidalgos! Viva Condé!...

E, de repente, entre eles, houve um tumulto; depois ressoaram clamores, depois empurrões para ver melhor, e, afinal, um longo urro de triunfo:

— O príncipe! E' o príncipe! Viva o príncipe! Viva Condé!...

— Ao Louvre! Ao Louvre! Viva o príncipe! Condé!...

Um burguês tinha reconhecido Condé! Depois dois! Depois dez! E agora essa multidão armada perfilava-se atrás de Capeatang, que caminhava a passos largos e que, inclinando-se para o príncipe murmurava:

— Monsenhor, se quiser, deixamos aqui, ambos, a nossa pele! Mas o senhor primeiro! Obedeça, monsenhor, ou mato-o como um cão. Grite: "Meus amigos, ao Louvre!"...

— Meus amigos! Meus amigos! — gritou Condé.

— Ao Louvre!...

— Ao Louvre! Ao Louvre! — repetiu a voz furiosa e estrondosa da sedição.

(Continua no proximo numero)

## GUERRA SISTEMATICA AO REUMATISMO, NA ALEMANHA

O reumatismo continua a ser uma das moléstias mais divulgadas no mundo. No reumatismo, como no cancer, o diagnóstico oportuno da doença é tão importante como difícil. A Alemanha resolveu combater sistematicamente o reumatismo com todos os meios da ciência e da sua organização, fundando na Saxônia um instituto central, que se ocupará exclusivamente do assunto. Os seus métodos baseiam-se, de princípio, no diagnóstico da moléstia. Para este efeito foram instalados postos de observação permanente nos institutos universitários e nos grandes hospitais. Os pacientes suspeitos de reumatismo são enviados pelos médicos a esses postos, que se encarregam de examinar e observar o processo da

doença e que procedem também aos primeiros tratamentos, extraíndo dentes supurados e amígdalas inflamadas que representam indiscutivelmente um papel importante no aparecimento do reumatismo. De acordo com as necessidades do caso, os referidos postos enviam os pacientes para

os clínicos ou para as estâncias termas.

Um dos mais importantes fatores de êxito da nova organização criada na Saxônia consiste, sem dúvida, em que nela se acham representados todos os ramos da medicina. Médicos, dentistas, especialistas de doenças maxilares e de mo-

léstias da garganta, do nariz e dos ouvidos, e ainda médicos de doenças internas, cirurgiões e anatomistas são chamados para exames e observações em comum. Espera-se organizar assim a ofensiva concentrada contra um dos maiores flagelos da humanidade.



### O trabalho torna-se UM PRAZER

quando TI DOE bem! Mas... se órgãos importantes, como os RINS e a BEXIGA, funcionam defeitosamente, causando Dores lombares, Reumatismo ou ACIDO URICO, pela deficiente expulsão dos venenos do sangue, então é tempo de recorrer às PILULAS de FOSTER, o poderoso auxiliar das vias urinárias.

**PARA OS RINS  
E A BEXIGA**

## PILULAS de FOSTER

### PROTEÇÃO CONTRA A CORROSÃO POR MEIO DE MATERIAS SINTÉTICAS

inorgânicas (mineral), e em parte, também, encontrando-se estas em estado de alta concentração. O mesmo vale também para muitas matérias orgânicas. Sob a ação do calor, deixam-se deformar o quanto se quiser. Seu peso específico é reduzido. Eleva-se entre 1,0 e 1,4, de forma que estas matérias são excelentemente adequadas para construções livres. As propriedades de resistência dependem da temperatura a que são submetidas. Temperaturas de até 40 graus são para o «Vinidur» quasi que

de importância nula. «Oppanol» pode ser aplicado sob temperaturas ascendentes até 100 graus e às vezes até 130 graus. Ambas as matérias deixam-se soldar. Como chama, presta-se uma corrente de ar quente de 250 graus e o arame «Vinidur» é utilizado como arame para solda. Para calcular-se o âmbito da aplicação de ambas as matérias, é característico que, por exemplo, uma das maiores fábricas da indústria química na Alemanha gaste mensalmente 50 toneladas da matéria acima, economizando assim 250 até 300 toneladas de outras matérias muito valiosas e vastamente aproveitáveis em outros setores da química ou indústria.

### PREÇOS DAS ASSINATURAS:

EM TODO O BRASIL:  
(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48\$000  
Semestre (26 ») ..... 25\$000

(Registrada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70\$000  
Semestre (26 ») ..... 36\$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78\$000  
Semestre (26 ») ..... 40\$000

(Registrada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115\$000  
Semestre (26 ») ..... 60\$000

As assinaturas terminam e começam em qualquer mês.

### FON - FON

Revista Semanal Ilustrada

EMPRESA FON-FON e SELETA S./A.

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e Oficinas:

62, RUA DA ASSEMBLÉIA, 62

Telefones: Administração: 22-4136

Diretor: 22-0377 — Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Diretor: WERTHER FARINELLO

Rua São Bento, 220 — 3.º and.

Tel. 2-1512 — Caixa Postal, 386

Toda a correspondência deve ser dirigida a

EMPRESA

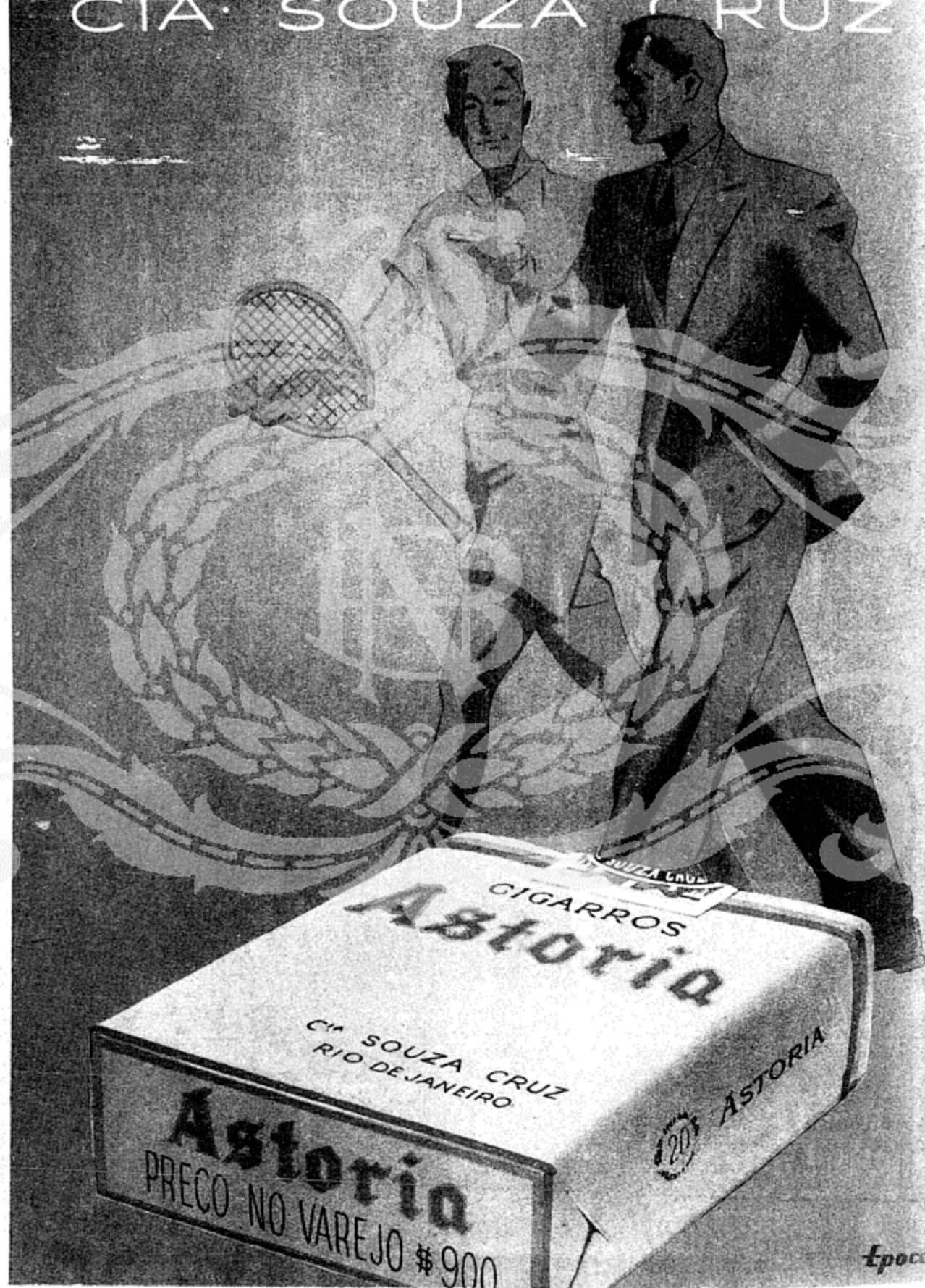
FON-FON e SELETA S./A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levisdrey  
Rue Trenchet, 9 — France  
— Paris VIII, Ludgate Hill,  
Londres.

Venda avulsa ..... 1\$000  
Numero atrasado ..... 1\$500

CIA. SOUZA CRUZ



Epoca